Bruno Tolentino

As horas de Katharina

Companhia Das Letras

A primorada ao longo de trinta anos de intenso convívio com mestres como Ungaretti, W. H. Auden, Saint-John Perse, Samuel Beckett e Yves Bonnefoy, a obra de Bruno Tolentino traz as marcas de uma empresa de todo surpreendente em nossa paisagem cultural.

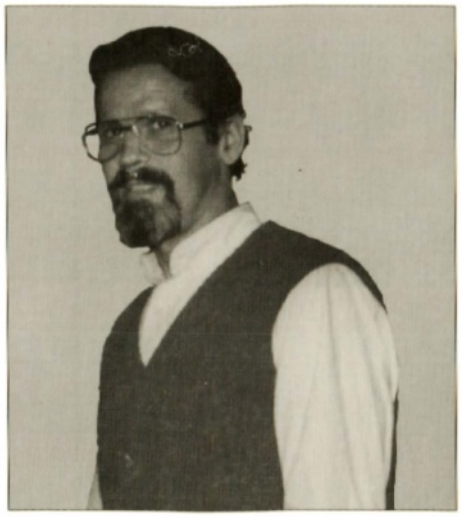
Neste *As horas de Katharina* o poeta toma emprestada a voz de uma freira fictícia — contemporânea de Hofmannsthal, Stefan George e Rilke — supostamente nascida em Veneza em 1861 e falecida no Convento das Carmelitas Descalças em Innsbruck, Áustria, em 1927, para desenhar os estágios de uma transformação que vai do lamento à epifania, do corpo estéril ao vislumbre do corpo transfigurado.

Com musicalidade enxuta e expressiva e um senso bastante apurado do equilíbrio lúdico da língua, Tolentino leva o leitor a acompanhar Katharina em sua peregrinação pelos andaimes mais extremos da vivência lírica, lá onde o sujeito balança entre ser e não ser.

Por trás dessa inquieta arquitetura, de vários patamares, há uma refinada formação intelectual que cruza a dicção do nosso melhor modernismo com a matriz simbolista francesa e a lírica anglo-germânica do início do século. Tudo isso aliado a uma poderosa leitura do pensamento cristão, sobretudo Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz,

com os quais a freira-poeta dialoga num dos momentos mais belos do livro.

Escrito ao longo de vinte e dois anos, *As horas de Katharina* traz à nossa língua uma contribuição rara: a de um canto cristalino que quer durar "entre a graça imortal e a dor imensa".



Nascido no Rio de Janeiro em 1940, Bruno Tolentino publicou seu primeiro livro, *Anulação e outros reparos*, em 1963. Com o regime de 1964 estabeleceu-se na Europa a convite de Ungaretti, tendo vivido desde então na Itália, Bélgica, Inglaterra e França. Professor nas Universidades de Bristol e Essex, transferiu-se mais tarde para Oxford, sucedendo o poeta W. H. Auden, de quem foi amigo, na direção da *Oxford Poetry Now*. Publicou outros dois volumes de poesia (*Le vrai le vain*, de 1971, em francês, e *About the hunt*, de 1979, em inglês), muito bem recebidos pela crítica. Vive em Marselha ao lado de sua segunda mulher e é hoje um dos autores de maior destaque no meio literário europeu.

"Um dos melhores poetas da atualidade, ele é sem dúvida um 'daqueles poucos' que fazem a cultura de uma época."

Yves Bonnefoy

"Há muitos anos admiro em Bruno Tolentino um poeta de raro talento respaldado por uma vasta cultura, que abrange diversas línguas e diversas literaturas. Tanto esse conhecimento como essa experiência fazem da sua uma das mentes mais bem equipadas para abordar o problema da poesia em nosso tempo."

Jean Starobinski

"Seus poemas exalam uma dor tão justa que só sua perfeição formal torna suportável."

Saint-John Perse

ISBN 85-7164-392-X

9 788571 643925

AS HORAS DE KATHARINA

BRUNO TOLENTINO

AS HORAS DE KATHARINA

1971-93

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1994 by Bruno Tolentino

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:

Carlos Alberto Inada
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolentino, Bruno
As horas de Katharina : 1971-1993 /Bruno Tolentino.
— São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

ISBN 85-7164-392-X

1. Poesia brasileira I. Título.

94-2024 CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia: Século 20 : Literatura brasileira 869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira 869.915

1994

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Tupi, 522
01233-000 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 826-1822
Fax: (011) 826-5523

In memoriam
Ingeborg Bahmann,
que inspirou estas músicas,

e

a José Joaquim Dutra de Andrade,
que as foi buscar às gavetas do silêncio.

RESPONSABILIDADES E CORRESPONDÊNCIAS

A suposta autora destas páginas, tivesse sido encarnada numa só pessoa física, teria nascido em Veneza, aos 11 de novembro de 1861, como Elizabeth Katharina Maria von Herzogenbuch e falecido aos 29 de outubro de 1927, no Convento das Carmelitas Descalças de Innsbruck, como Sóror Katharina da Anunciação e do Suor de Sangue.

A não ser assim, poderia ser com certeza qualquer um desses inconfessos filhos bastardos que Deus ama e reclama. Como, por exemplo, um que outro ***hypocrite lecteur*** ou no caso o inveterado autor, ou tradutor, deste ***Stundenbuch***.

AS HORAS DE KATHARINA

Primeira parte

Os longos vazios
(1880-1909)

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste, passei a vida à toa, à toa.

Manuel Bandeira

1 *O ADEUS*

Vi-te montar teu cavalo.

A majestade, a beleza
de cada montanha presa
à correlação de um vale,

de repente é insuportável!

Vi-te atravessar a praça.
A coroa de fumaça,
diadema do diáfano,

com certeza é sem retorno.

Vi-te a o longe, só cabelos...
Os translúcidos novelos
das nuvens com a luz em torno

são só brilho, são só água.

Mas que fazer disso tudo?
Vi-te ereto, ao longe: estudo
teu reflexo em cada lágrima,

lâminas, golpes agudos.

2 *NOTURNO*

Porque o amor não entende
que tudo quer passar,
nunca, nunca consente
a nada o seu lugar.

Planta presa, de alpendre,
sacudindo no ar
braços impenitentes,
tenazes, em lugar

de aceitar que não prende
nada, o amor quer dar
apaixonadamente
laços à luz solar

e é noite de repente.

II

Se ainda te iluminar
com um olhar novamente,
sei que não vais estar
tão perto; a alma entende,

o corpo quer gritar!
Porque o o lhar apreende
mais do que alcança dar,
à distância, na mente,

de que vale um olhar
com a noite pela frente ?
Essa noite que tende
a unir e separar

inapelavelmente ...

3 *SOLILÓQUIOS*

Mas não tem importância,
aqui estamos nós
outra vez ... À distância,
eu sei, mas ainda a sós.

Que impor ta, eu nunca fiz
sonhos de perspectiva
e uma chaga furtiva
vale uma cicatriz.

E ainda que não houvesse
nem uma nem a outra,
quem mu ito busca encontra:
tu vens, tu me apareces.

4
VIA CRUCIS

A Via Crucis foi uma selvageria,
a Cruc ifixão uma brutalidade;
mas em três, quatro horas, acabou a agonia ,
baixou a eternidade.

Eu vivo aqui, crucificada noite e dia,
carrego da manhã à tarde
o meu lenho de opróbrio e a noite me excrucia,
lenta, fria, covarde.

Ah, como eu preferia
que me crucificassem de uma vez, sem o alarde
de algum terceiro dia!

Mas toca-me seguir nessa monotonia,
a agonia de alçar -me do catre
e abrir de novo os braços, vazia.

5 *METÁFORAS*

A fogueira absurda
de um corpo de mulher
não tem comparação!
Uma pilha qualquer
de lenha opaca e surda,
mera coisa do chão,
não basta como símile
dessa desolação
inútil: o sublime
que não se frutifica,
o grão que seca... Fica
cada vez mais difícil
encontrar a metáfora
para o estranho suplício
de um corpo que está fora
da vida, o seu destino
pingando como bica
num beco que conduz
de estranheza em mistério.

Um ventre, um ventre estéril,
é como o sol a pino
de que não desce a luz.

6 *PAVANA SEM LUXÚRIA*

As incontáveis sementes
que andaste desperdiçando
em abraços miserandos,
estéreis e impenitentes!
Pensar que o melhor que tinhas,
aquelas pétalas brancas
que nunca mais serão minhas,

deixaste-as cair em vão,
ah, pensar que as minhas ancas
como estreitas esperanças
podiam ter se alargado
contendo de lado a lado
tantas pálidas crianças
que entregaste à escuridão!

7 *O ANJO ANUNCIADOR*

— Ouve, Maria, a nossa
(não, não te assustes!) é uma luminosa
tarefa: retecer
o pequeno clarão que abandonaram,
o lume que anda oculto pela treva!
Porque irás conceber!
Porque a mão, desejosa

e tosca, que O tentara
reter, ainda que leve,
desfez-se ao toque, assim como uma vez
tocado o sopro se desfaz a avara,
a dura contraç ão do peito ansiado...

Mas a haste, o jasmim despet alado,
é tudo o que ainda resta
dos canteiros do céu aqui na terra,
que um seco vento cresta
e uma longa agonia dilacera.

No entanto a morte há de morrer se tu quiseres,
ó gota concebida
bendita entre as mulheres
para que houvesse vida
outra vez, e nascesse desse fundo
obscuro do mundo,
o ninho incompreensível do teu ventre.

Não, não toques ainda
nem a fímbria do manto nem o centro
do mistério que anima a tua túnica:
aguarda, ó muito séria, a ave mansa
e recebe em teu corpo de criança
a Verônica única,
a enxurrada de pétalas te abrindo.

Em tumulto reunidas,
as cores da perdida Primavera
vão retornar, virão
numa enchente de asas, aluvião,
púrpura, sempre-viva, nascitura
estranheza do amor da criatura,
constelação descendo ao rosto teu:
é Ele, é O que reúne o coração
e o grande anel da esfera,
o fogo, a língua ardendo, o incêndio vivo,

a coluna de luz, o capitel
que se perdeu...
Que eu

venho anunciar apenas a um esquivo,
humílimo veludo, a frágil chama
que há de crescer em ti, que hás de ser cama
ao parto do Perfeito, e hás de ser cântaro
e fonte e ânfora e água,
hás de ser lago
em que as sombras se afogam, que naufragam

no imenso, ó jovem branca como um lenço;
hás de conter a lágrima
do Infinito, o Seu vulto
e os tumultos da luz na travessia
entre a dádiva, a perda e a renúncia:
quando de um certo dia
cheio de luz amarga

em que serás enfim a sombra esguia
que O deu à luz e que O assis tiu morrer. ..
Atravessa, ó Maria,
os abismos do ser,
ouve este estranho anúncio
e deixa-te invadir para colher,
mais fundo que a razão
e o corpo, o sopro cálido, o prenúncio
da mais viva alegria:
entreabre-te ao clarão
da visita suave,
mas terrível, terrível, deixa a ave
do imenso sacrifício te ofender.

Ó pétala intocada,
hás de sofrer
intensa madrugada
e num lago de luz como afogada
hás de durar suspensa
entre a graça imortal e a dor imensa.

Mas canta, canta agora
como a fonte borbulha, como a agulha
atravessa o bordado,
canta como essa luz pousa ao teu lado
e te penetra e tece a nova aurora,
a nova Primavera e a tessitura
do ramo que obedece e se oferece
para o mistério e pela criatura.

Canta a alucinação
o toque enfim possível dessa mão
que há de colher para perder e ter
o infinito que nasce do deserto
e a semente que morre se socorre
tudo o que no estertor tentava ser.

Canta a canção do lírio e do alecrim,
essa canção que és e que na treva,
na escuridão da carne, andava perto
da imensidade que te invade. E assim
como o imenso te ampara,
ó voz tão clara
que consolas e elevas,

matriz da eternidade e d'O sem-fim, vem, desperta,
ó mãe de Deus, canta e roga por mim...

8 *A DONZELA*

— Do engano da linguagem
desenganada, imploro
à corda menos ágil
da lira de meu ventre
que, nesse onipresente

que assim se me incorpora,
me ajude a celebrar
a glória d'Esse estranho
que me quis habitar
de Seu peso e tamanho,
como se desde sempre
e nada mais eu fora
senão a Sua ânfora
ou o Seu alguidar.

Sinto-me tão pequena
para o imenso murmúrio

que me invade, me chega
como na noite cega
o vôo da falena
que busca a chama e brusca
e nua ao fogo puro
deixa-se confundir.
Só que eu não Te procuro.

Só que és Tu que me buscas.
E toca-me fugir
a tudo quanto eu tinha,
que para ser eu Tua
não me cabe ser minha.

De fogo obscuro e frio
penetrado, meu corpo
diz ao corpo vazio
que era o meu e perdi:
o peso que eu suporto
é mais que o infinito
que me habita, é um aceso
desejo de ter peso
outra vez, porque o Espírito
que raptou meu corpo
abandonou-o absorto
à beira de uma calma
alheia como o hábito
de ser somente alm a...

Abraça-me e perdoa
minha carne banida
das coisas desta vida
que agora se me voa,
cada vez menos minha:
a minha carne tinha
qualquer coisa da pressa,
da promessa da vinha
neste mundo e, agora
que eu virei Tua ânfora,
será lenta agonia,
uma vela de cânfora
cujo pavio chora,

meu Filho, essa alegria...

9 *À IMACULADA*

Ó Maria, ó Maria,
que mal tiveste um filho,
como eu te compreendo!
Roubaram-te a alegria.
Tudo em nome do exílio
de um corpo, o nosso, horrendo,
frágil como um rastilho
de asas, como o brilho
desta vela que acendo.
Pobre, pobre Maria,
o preço foi tremendo!

10 *O EMBRULHINHO*

Eu me debato dentro de um vulcão. A esperança

de ainda voltar a ver-te
doi como uma criança
com medo de nascer, sufocando em meu ventre.

Ah, se, para arrancar-me
esse pedaço que ainda hoje te pertence,
eu pudesse matar em silêncio
esse fantasma que atormenta a minha carne!

Mas não. Padeço com um vulcão por dentro, sem coragem
para esse assassinato.
Tu, que me inseminaste de doçura e de ultraje,

ensina-me esse parto!

11 *SILÊNCIOS*

Ó silêncio, ó silêncio,
devias consolar,
cada vez mais imenso ...
Mas que nada! Calar

é entupir de barulho
o vazio da alma,
é pintar por orgulho
a máscara da calma

na cara da agonia.
Calo, disciplinada,
e deduzo do nada
minha cacofonia.

Ah, silêncio! Vestal
com avental de cozinha,
tua pureza e a minha
acomodam-se mal...

12 *A LÁZARO*

Está bem, está bem,
abriram-te a caverna,
sacudiram-te o sono,
mandaram-te sair,

e o cão à voz do dono
abandona ao ouvir
a solidão que tem.

Mas a tua era eterna!
Ninguém te perguntou
se querias voltar,

sofrer, recomeçar,
ser... Gritaram-te: "Vem!".

Eu não ia ... "Nã o vou!".

13 *MEDÉIA*

Não sei mais nem que horas são,
quanto mais que dia é!
Sei que amanheço de pé
com um rosário sempre à mão
todo santo dia em vão;
rezo, mas não tenho fé.

Vou por onde as outras vão,
mas não tenho mais idéia
do que faço. Há uma Medéia
em toda separação,
mulher cada vez mais feia
que vai caindo na teia

de alguma reparação
cada dia mais medonha,
caricatura que sonha
com os venenos da ilusão
sem que felizmente ponha
a mão sequer num facão.

Irmã Hilde, coitadinha,

teve a boa inspiração
de banir-m e da cozinha...
Quando eu por lá ia o pão
sofria que nem o Cão
porque eu lhe arrancava a espinha

em manhãs iguais a esta.
Mas não sou Medéia não,
sou a sombra que protesta
caladinha, a assombração
que definha na floresta
sonhando um bicho-papão...

14 *AUX DIABLES!*

Ontem o velho Abade
desta congregação
de espectros, disse não
a uma simples vontade

da sombra temporã
que vagueia de um lado
para o outro... Coitado
tão correto! Amanhã

a minha solidão
não terá esquecido
o seu pobre pedido:
terá feito a canção

que agora ando fazendo,
e aquele emparedado
medíocre, gordo, horrendo,
balindo como gado

que acorda sonolento,
dirá sua oração
e seu Amém. Eu não!
Eu, àquele momento,

estarei à janela
à cata de um qualquer

sinal do céu àquela
que por nascer mulher

foi enterrada viva;
eu falarei à chave
que um velho Abade grave
engoliu; eu, à esquiva,

à oblíqua maneira
das mortas-vivas, sei
que não acordarei
a mesma, a prisioneira,

a falsa freira, ah, não!
Amanhã serei eu!
Amanhã, com esta mão
rasgarei este véu

e aos diabos o céu!

15 *CORREDORES*

Rápidos passos
nos corredores,
alguém à escuta?

Longos espaços,
vagos vapores
como de gruta,

falsos palácios,
vazios, torres
que uma permuta

cruel e irônica
vai transformando
em estalactites

de pura insônia,
como se um bando
(dedos em riste,

olhos de amônia...)
fosse domando
o que resiste

e insiste em ser ...
Eu vivo aqui.
Sombra insistente

do bel-prazer
que, mal vivi,
subitamente

foi-se esconder,
cheguei aqui
quase contente

de me apagar...
Mas é tão lento,
tão frio e tão

crepuscular
cada momento
neste caixão,

que ando a vagar
de encolhimento

a indecisão.

Aonde vou
que não me esqueço
nem de onde vim,

do que ficou?
Desapareço,
mas não de mim!

Se tento o vôo
o ar é espesso
como é sem fim

cada agonia
de uma rotina
desesperante.

Dizer que um dia,
quase menina,
tive um amante,

uma alegria!
Que guilhotina
caiu cortante

e inesperada
entre o que era
e o que afinal

sobrou de nada?
A alma é uma fera
instintual,

uma enjaulada,
uma quimera!

Pobre animal...

16 *VALSE OUBLIEE*

Certas estrofes perdidas
longe de papel e lápis,
vão e vêm e doem-me ainda,
tão límpidas quanto rápidas,

como certos, certos fatos
de uma fluida inconseqüência
na rapidez da existência,
certos rasgos, certos raptos,

certas cenas, certa faca
de que às vezes sou bainha,
afiada quando ataca
e cega quando sozinha.

17 *O LAGARTO*

Dança, dança, lagarto,
primo do crocodilo,
invasor do tranqüilo
silêncio deste átrio,

salta entre as pedras, dança!
Faz assim, olha, assim!
Põe os olhos em mim
e gira, arrasta a pança

nas pedras carcerárias
deste lugar. Eu danço
assim também, de manso,
ao ritmo das árias

de uma luz que me chega
de onde não vou jamais!

Dança! A falena, a cega
de luz, a que anda atrás

da chama, do arremedo
da liberdade afim
da morte, dança assim
também, cheia do medo

de seus próprios desejos.
Dancemos os dois juntos,
como dançam os defuntos
na treva, os percevejos

na carne mal lavada
e as angústias sem voz
na garganta do algoz,
do silêncio e do nada.

Dança, meu companheiro
entre paredes mudas,
dança! Eu cheguei primeiro,
antes das outras todas

que já vêm por aí!
Aproveita, que em pouco
lá vem o bando louco
que tem terror de ti!

18 *ESTREITEZAS*

Madalena, Madalena,
no escuro da minha cela
penso em ti como naquela
que passou pelo portão
mais estreito: o do perdão
depois do doce pecado.

Mas meu corpo encarcerado
não tem nenhuma opção;
na estreiteza desta cela
a pele ardente e morena
que me acossa e me flagela
não conhece remissão.
Na comprida noite fria

como na manhã vazia,
minha carne, Madalena,
não tem escolha ou perdão.

19 *VADE RETRO*

Não, não fui possuída
jamais por um diabo,
um demônio sequer!
Não me têm tanto apreço.
Não vivo nem da graça
de Deus nem do que der
o outro: uva encolhida
que vai virando passa,
enquanto não acabo
de ser uma não chego
a ser outra, e ninguém,
nem um capeta quer
a coisa indefinida
que não chega a ser bem
um resto de mulher,
é uma coisa qualquer

seca, passa, esquecid a...

Ah, *vade retro*, alguém!

20 *ROMANZA*

Minha peregrinação...
De uma janela a uma esquina,
de uma visão repentina
à longa antecipação
solitária, viperina
por filha da humilhação
de uma paixão tão contínua
quanto anda longe a menina
que estende os olhos em vão ...
E essa quase assombração,
essa tocha feminina
ardendo atrás da cortina ,
pendurada à oscilação
fortuita de um coração,
de uma alma peregrina
encerrada no porão

de uma existência assassina;
a faminta da ração
de uma vida que termin a
onde começa a lição
de ferrolho de um portão;
essa sombra vespertina
que uma vez por mês se não
ressuscita se ilumina
tentando ver, por um vão
de quase seteira, o chão
em que passam casco e crina

do teu cavalo alazão;
a aparição sibilina
e rara como o esturjão,
vista de fora, da sina
de quem passa sem razão
de olhar (talvez) para cima
uma vez ou outra (ou não),

a um olhar que contamina
os restos de um coraç ão,
essa aparição franzina
como há de ser? Como hão
de ver tamanha intrusão
teus olhos, daquela esquina
que uma vez por mês germina
ante uma flor de balcão?

21 *O PÁTIO*

Vivo entre sombras agora,
figuras que muito embora
encontrem certo prazer
no hábito de dizer:
"A v ida f icou lá fora..."
demoram muito a morrer.

Agonizo sem saber
se o pátio destes passeios ,
circulares como cheios
de ângulos, tem poder
de atardar o entardecer
de espantalhos tão alheios.

Não parecem fenecer.
São como as últimas ramas
da vinha, pequenas chamas
renitentes a tremer

segundo o tempo esparrama
as nulidades do ser.

Dizem-me que é assim que a s amas...

22 *O VELHO RELÓGIO*

Tocaram-me no braço!
Pegaram-me no pulso!
Deram-me corda a um lasso
relógio tão convulso

e tão enferrujado,
que a inesperada esmola
partiu a velha mola
desse pobre coitado

que anda parado há anos!
Ah, coração exausto,
que susto o teu! Os panos
que te envolvem o fausto,

assim entreabertos

um brevíssimo instante,
deixaram-te diante
de ávidos desertos...

Tocaram a minha pele!
Por detrás da cortina
outra mão como a dele
tocou numa menina

que não vivia mais.
E vão passar os séculos
sobre a mão, sobre as teclas

da música fugaz...

23 *HERODÍADE*

Trazei-me esse rosto
que me desespera,
entregai-o à fera
que dança em meu peito,
que me dilacera.
Trazei-me esse rosto,
arrancai-o ao resto
do corpo perfeito,
o corpo que eu quero
e que não me quer.
Ah, fosses mulher
tu me entenderias,
João que eu detesto
menos que este corpo
todo calafrios,
todo desespero,
todo fome vã!
Corpo de asas tristes,
corpo de mulher,
a mulher que insistes
em chamar de irmã...

24 *SALOMÉ*

Visses-me dançar
como Salomé,

podias até
negar-me outro olhar,

fugir do lugar
ou ficar de pé
como a estátua, o par
de olhos sem fé,

sem pupilas dela.
Mas não poderias
não achar tão bela

quanto as cotovias
que mataste, aquela
a que fugiri as...

25 *MYRIAN-MARIA*

Myrian-Maria, a quem um dia
um anjo fora rodear de luz,
anunciar-lhe o infante Jesus,
e vejam só: Myrian-Maria,

sendo mais limpa que a luz do dia,
o anjo buscava-a e não a encontrava!

E olhava, olhava e se impacientava:
"Myrian-Maria!" (onde andaria?),

tão igualzinha à mais pura luz,
que o pobre anjo vira, procura
e quase enlouquece! Era tão pura,
quase não pôde nascer J esus...

26 *SALGUEIROS*

Salgueiros! Os salgueiros
solenes, debruçados
sobre si mesmos, coitados,
anos, anos inteiros,

iguais às insepultas cabeleiras
dos belos enforcados.

É como os vejo por todos os lados,
ou ainda como fundas olheiras

espiando-me à noite, entre as soleiras
e as pupi las, pend entes dos telhado s...
Quando sonho com eles são caveiras
de hirsutos malfeitores, condenados

à eternidade as sim, desp entea dos...
Sentinelas dos lentos desesperos,
coitados dos salgueiros
de convento! Dão medo, são sagrados.

27 *MECHANCETE*

Deparei-me, no último degrau,
com a pobre salamandra
a que cort aram o rabo...
São coisas do Diabo,
coisas do bicho mau
que perambula no jardim, que anda
(dizem) atrás de mim.

Naturalmente não duvido, assim
como jamais discuto.
Calo-me, ando de luto
por toda a Criação! Pela calhandra,
pelo breve carmim
da rosa intacta ainda,

pela coisa mais linda

como por tudo enfim.
Pelo Bicho também.
O bicho de olhos verdes que não vem,
que prefere a pequena salamandra
a mim, a mim,

que espero e espero, espero e desespero
e abano o rabo preto na varanda...

28 *DOMMAGE*

Que lástima que as poças

dos olhos lacrimosas
não guardem nada. As rosas
do fugaz, como as coisas
mais triviais, são nossas
um belo dia e pronto,
acabou-se! Se resta
dependurado à testa
nosso sólito par
de espelhinhos convexos,
são tão frágeis os nexos
nesse mínimo mar,
que um gesto, um rosto, um tronco,
acabam por ser nada:
neles nada um reflexo
multirrápido, e pronto,
adeus... Baixa as cortinas,
é a breve madrugada,
ergue-as: foi tudo um conto
que aqui esteve de leve,
interrompido ou breve
demais, adeus e pronto!

29 *TALVEZ*

Vem quase todo dia
aquela hora muito lenta, aquela
oscilação da hora fria
em que a sombra amarela

do dia embobinado na procela
balança, assume a forma esguia

de um casulo, e sugere a agonia
de algum verme: antecipa-se a bela,

a futura, a perene borboleta,
e é como a eternidade
que se insinua, a esquiva silhueta

pairando como às voltas de si mesma
com um aroma de luz e de umidade:
a alma entre o nada e a lesma?

II

Algo intangível anda pelos cantos
deste lugar estreito
quando os corpos transbordam do leito
e enrolam-se nos mantos

de uma conspícua viuvez, os agapantos
dos campos desolados do per feito...
Algo que agora não se vê direito,
se algum dia se viu, entre tantos

trapos, espectros, ângulos, p romessas...
Algo invisível como a própria alma
balança-se com a calma

dos morcegos que dormem com as cabeças
apontadas de dia para o chão.

Há resquícios assim em mim. Acordarão?

30 *A RATOEIRA*

Sóror Bernarda é maluca,
aposto que não re gula!
Passa tanto a mão na nuca,
tanto se ajeita a cogula
que um dia desses termina
sob alguma guilhotina.
Algum diabo a cutuca
lá por trá s, alguma gula
de ca rícia ou de ara puca...
Quando canta desafina,

mexe e remexe com a boca,
mas não acerta a harmonia.
Decididamente é louca.
É devota de Maria
(diz) mas faz tudo ao contrário:

já partiu mais de um rosário,
meia dúzia é conta pouca,
e toca a ajeitar a touca
e tocar-se o escapulário.

Sóror Venância é pior,
não lembra nunca do nome
de ninguém, sabe de cor
apenas nome de home m...
Lembra até o do companheiro
do filho do jardineiro,

até o do Vigário-Mor
que mor reu. E como come!
Só do bom e do melhor,
franguinho, leitão, cordeiro,

vai do olho ao mocotó.
Tem taman ho de Priora

e pudera, não tem dó
nem de peixinho em salmoura!
Se engordar um pouco mais
assusta até Satanás,
mas dá quilos de ouro em pó
(é muito conversadora)
por uma conversa só
(ou a sós) com algum rapaz...

Já a dona deste convento
é pura cafajestice,
enfeia até o sofrimento:
teve vez que até me disse
que a morte de uma pessoa
é uma coisa muito boa,
que a vida é um longo lamento.
Mas com franjinhas! Quem visse
a cela desse portento
gastaria o tempo à toa

tentando entender: o preto
é do mais fino veludo,
e um pedaço de esqueleto,
ou seja, um crânio queixudo,
tem seu pedestal de ouro,
o susto como tesouro...
Só mesmo vendo o amuleto
dessa penitente! E tudo
em nome de Deus, o espeto
dourado do mau agouro...

Não sei o que deu em mim
quando achei de me enfiar
que nem fita de cetim
neste bendito lugar!
Só depois de dar o laço
é que fui achar espaço

e tempo, tempo sem fim!,
para poder me queixar .
Mas não sei mais a que vim,
mal sei ainda o que faço.

Faço versos, melodias
de minhas decepções,
e vou enchendo meus dias,
falando com meus botões,
com que m hei de conversar?!
Dissimulo, assumo o ar
beato das confrari as
amargas que nem limões
e componho livrarias
com o intui to de me livrar ...

31 *OUTRA PRISÃO*

A vida vai tão depressa,
que às vezes o coração
dependur ado à canção
já não sabe onde começa,
onde termina a ilusão.

O tempo, o velho ladrão,
leva tudo ao mesmo tempo,
a miragem, o sofrimento ,
a alegria, a solidão.

Substitui-os um vento.

Um vento e uma procissão
de sombras mal-assombradas,
velas pálidas que vão
ficando mais desbotadas
ao alvor das madrugadas.

Pelas capelas então,
mausoléus abandonados,
repletos do ar malsão
que envenena os condenados
dia a dia em seu porão,

como aqui nesta enxovia
vem o tempo e passa a mão
em tudo quanto esvazia
dia e noite, noite e dia,
seio, cela, solidão.

Um tique-taque sombrio
de invisível procissão
que se vai embora, um rio
que se evapora, tão frio
quanto uma evaporação

é lenta... Às vezes a gente
sente-lhe um roçar de mão
como um calafrio rente
à pele que murcha e não
entende bem o que sente,

já não sabe onde termina,
onde começ a a ilusão...
Coitado do ser, cortina
do que some! Sobra um vão,
os trapos de uma neblina,

as horas de Katharina...
Todas passam, algumas são
gravadas aqui, com mão
diligente, feminina,
o arabesco que termina

por tecer outra prisão.

32 *OUTRA AINDA*

Todos, ah, todos os dias,
com pachorra de rendeira
minha mão de bordadeira
costura mais poesias,
rabiscos, algaravias
dos tumultos de uma freira
cujas pobres fantasias
remexem-na a noite inteira,
o dia todo... E que havias
de fazer, alma estrangeira
a tudo o que fazes, fias
ou desfias, sempre à beira
de tuas monotonias?
Mal cabes em ti e, queira
ou não queira o que querias
quando, de alguma maneira

chegaste a esta ratoeira,
atrás de mitologias,
tua febre sobranceira,
teus raptos de prisioneira,
são mesmo o que preferias
desde bem novinha... Havias
de achar o modo e a maneira
de isolar-te entre porfias
só tuas, a brincadeira
que, ainda garota faceira,
desde sempre escolherias.

Não me enganas, sou meeira
dessa herança tua, os dias
e as noites que bordarias
sozinha, ausente da feira
de vaidades e alegrias

que cobiçavas mas vias
sempre de fora, da beira,
da quina escon sa... Sofrias?
Sofres agora? Besteira!
Mentirinhas que dizias
às pobres das tuas tias
quando, a cada sexta-feira,

falsa penitente, ias
à casa delas, Marias
do Carmo, da Choradeira,
das Dores... Estripulias
suspirosas de matreira,
a que eras e a que irias
ficar sendo a vida inteira,
de pretextos a agonias
até achar a maneira
destas tuas harmonias,
fios da dor costumeira,
tua velha carcereira,

profissões de fé nas frias,
tuas sempre, por sombrias,
vocações de carpideira.

33 *A MAIS SEGURA*

Fingidora, como sofres!
Como me fazes sofrer
para destilar-me o ser
e guardá-lo nos teus cofres!

Gostas mesmo é do teu ritmo.
Se sentes falta de algo,
exumas algum fidalgo,
arrancas-me algum legítimo

assunto de ritmar ...
Não me enganas, te conheço

pois sou eu quem pago o preço
deste sombrio solar

que vais erguendo sozinha
onde quer que um dia estejas,
conventos, porões, igrejas,
castelos, nuvens ... A minha

é apenas a função,
se não bem de acompanhar-te,
alma nascida da arte
e só para a arte, então

a de encontrar-te um pretexto
e pouco a pouco vestir-me
da desolação mais firme
que te justifique o texto...

34 *E A RATOEIRAZINHA*

Cuidado! A dor inventada
acaba tão parecida
à cara nua da vida,
que um encontro de calçada
pode virar despedida...
Garoa vira enxurrada,
lagrimazinha esculpida,
finamente musicada,

pode transformar subida
em queda fora de alçada,
fora de qualquer medida
e todo controle: o nada
tem a energia escondida
da ratoeira calada
ali no canto... Ó fingida,

alma minha apaixonada,
muito cuidadinho a cada
nova sílaba sofrida...

35 *SOMEWHERE, SOMEHOW*

Porque é possível fazer
a verdade disso tudo
como quem faz um estudo,
sem que ao cabo do lazer,

do prazer de havê-lo feito,
tenha-se enfim feito nada
daquilo tudo: a estocada
já estava mesmo no peito.

Imagino algum poeta
nalguma língua estrangeira
este mesmo instante à beira
de escrever isso ... Há uma reta

que, pelo meio da gente
como uma régua da vida,
é uma frase repetida,
a mesma, insistentemente:

"... porque é possível fazer
toda a realidade disso
sem o enfadonho exercício

de fazê-lo, de o vive r... "

36 *BADULAQUES*

Tenho vários, pequenos amuletos:
dois deles de prata, dois elos
unidos de corrente
indiferentemente
partida pela vida; quatro ou três
fios de um ouro antigo, de uns cabelos
que enchiam a noite toda;
e uma caixa de música
de que me sai, aveludada, uma abstrusa,
eterna valsa, ta-ti-tan, valsinha doida
e lenta, lenta, com seus velhos espectros
enlaçados, cada vez mais distan-
tes, ta-t i tan-t a-t i-t an...

E tenho, é claro!, um lenço
bordado, desbotado e tão, ah, tão cansado
de oscilar entre seus dois fantasmas
rápidos, dispersados
e reunidos e perdidos de novo e assi m por diante ...

Olho-os às vezes, estes meus objetos: pasma,
pergunto-lhes, pergunto-
me a mim mesma: foi assim tua vida?
Um desbarate desconexo que se junta
em pedaços, o imenso,
o informe vazio entre um e outro?

E escuto um ec o: "... e existiria
outra medida,
outro retrato,
outra soma da vida,
da poesia
dessa história banal que é tudo o que começa
e termina de encontro

a nada, em estilhaços,
a estátua sem cabeça
ou sem os braços,
o barato
relicário roído de tudo o que foi grato . . .?''

37 *AS HORAS DE KATHARINA*

Passando, quem sabe, os dedos
por estas folhas, alguém
séculos depois e sem
compaixão destes segredos,

levando os dedos à boca
entre um e outro gemido
que vai lendo distraído,
como quem bebe e sufoca,

essa figura que eu vejo
entre a indiferença e o gozo,
noiva, amante, mãe, esposo,
esse espectro sem desejo

talvez diga folheando:
''As hora s de Ka tharin a... ''
Talvez a luz peregrina
caindo de longe e dando

naquela fronte curvada,
seja esta mesma, a perene

luz de sempre, a luz que treme
e envelhece reclinada.

Talvez a sombra indiscreta
manuseando estes desenhos
como aos poucos a ampulheta
se esvazia, cerre o cenho

e deixe cair de lado
um suspiro e este livrinho ...
E o meu bordado sozinho
outra vez abandonado

nalgum fundo de gaveta,
de novo idêntico à dona:
no escuro, uma silhueta
que se esquece, se abandona...

38 *NOLI ME TANGERE*

Madalena, entre nós duas
há um ponto de contato
meio paradoxal:
tu andaste ao lado Dele,
pousaste-Lhe a mão na pele,
tomaste-Lhe as mãos nas tuas
e até Lhe lavaste os pés.
Eu também guardo no tato
a cicatriz ideal:
toquei um deus e cerquei-lhe
de lágrimas e cabelos
aquela última vez
a curva dos tornozelos
(os deuses vão-se descalços).

Tu viste-O gemer de braços
abertos; vi-o ao meu lado
chorar de olhos fechados
depois de dizer-me adeus.
Tu foste-O buscar ao túmulo,
encontraste-O antes do céu,
e Ele, Seus olhos nos teus:
"*Noli me tangere*!" É o cúmulo
da coincidência: o meu

também foi um não-me-toques,
o adeus de uma vida inteira,
sempre à vista, sempre à beira ...
Só que tem que (não te choques)
a intocável era eu!

39 *DA CANÇÃO*

Para fazer a lista
das tuas sete dores,
prefere a mão do artista
que une as sete cores

do arco-íris à sua. O ilusionista
na realidade colhe como flores
as idéias e passa-as em revista,
interroga -as; se fores

como eu, uma daquelas
que perambulam entre palavras e janelas,
abelha entre a colméia

e a cera da canção, crê-me: uma idéia
pode virar prisão. Prefere as celas
da dor às da ilusão, pinta -as, semeia ...

II

Mas não te entregues, minha vaga irmã,
à morte voluntária
que há nas idéias, tece a tua ária
como uma detalhada tecelã

resignada apenas à manhã.
Não te deixes colher numa vicária

consolação: a máscara mortuária
da solidão vulgar, a alma pagã

não se salva jamais ao simples preço
de uma decorativa abstração;
nada se salva ao custo da emoção,

nem um corpo! Mereces (e eu mereço!)
salvar alguma coisa: uma canção
nesta vida de gesso ...

40 *O BEIJO*

E era aquele o teu menino!

Não se parecia a ti...
Nem ele me conhecia
nem eu te reconheci
naquele olhar cristalino,
naquela boca macia,
naquela fronte serena.
Não eras tu, era ela!
Certamente era a falena
que consumiu tua chama
e apagou-se como a estrela;
era ela, a que morreu
sozinha na tua cama,
como aqui na minha cela
noite e dia morro eu.

O teu único menino...

Eu teria dito a ele
que aquela sua orfandade
e esta minha viuvez
equivalem-se; e na pele

tão diferente da tua,
mas tu ainda, talvez
eu tivesse posto um beijo,
misto de casto desejo
e doce cumplicidade:
ele é dela e eu sou tua,
de longe, como a alma nua,
mas sem função à nudez,
sem o olhar em que se espelhe ...

A cada um uma orfandade.

41 *ANFECHTUNG*

Desolado crucifixo
noite e dia encarcerado
com teus dois braços abertos,
trespassei-me lado a lado
neste teu longo olhar fixo,
abracei-me a teus desertos
tantas, tantas, tantas vezes
que andam os nos parecendo...

Tu calado e eu gemendo,
dois moribundos que deuses
e homens abandonaram.
Treze frios anos! Treze
simetrias que acabaram
por misturar-nos um pouco:

dois corpos cheios do peso
desnaturado dos loucos...

42 *LAMENTOS DA DESCIDA DA CRUZ*

— Tudo é leve, tudo é escombro.
Esse que ardeu e desce em nossos ombros
já não tem peso: soçobrou o mundo,
sobrou o ar. Agora
canta o arroio de luz envenenado
que aos poucos descolore
as coisas, os sabores, os instantes
e os perfumes, enquanto
cada vez mais distantes
vamos virando nuvens...

E no entanto
sonhávamos também o sonho absurdo,
o sonho à cata de que tudo acabe
no incêndio de repente, lábio a lábio.
Rosas sem corpo,

profusão sem rumo,
ah, como andamos, longe
do simples horto natural por onde
andam a morte e o volúvel
sêmen da noite perfumando tudo...
Estrelas fragilíssimas se apagam
a cada vez que respiramos,
vamos
já sem sede e sem calma
pelas vagas
dissoluções da alma entre rosais
vazios e sem voz

e como nós
tu também pouco a pouco esquecerás ...

43 *ESTRELA-DO-MAR*

Deram-me, quando criança,
uma estrela-do-mar,
e eu guardei dela a esperança
de durar

seca, ao longe, arrancada
também ao meu país
natural, a raiz
apenas, sem mais nada

que houvesse sido dela.
E vim parar aqui,
uma estrela
do mar, longe de tudo o que perdi.

Mas não deu certo:

a coisa inanimada,
longe ou perto,
tardinha ou madrugada,

é sempre igual a si.
A criatura não.
O ser é uma emoção.
Eu sou feita de tudo o que senti.

44 *MISERERE*

"***Miserere, miserere!***",
cantam sombras de mulheres
que, se escolheram o que fazem,
não fazem nunca o que querem.

"***Miserere!***", ondeia a gaze

de um lamento cotidiano
que se dilacera, um pano
rasgado pairando à toa.
"***Miserere!***", o peso humano
na voz que estremece e voa ...

"***Miserere!***" De joelhos
como espantalhos tão velhos
que já não espantam um demônio,
dobradas como os artelhos
dos mortos, num pandemônio

de lamentos musicados.
"***Miserere!***" São mais brados
do que gemidos, os gritos
daqueles pobres coitados,
os espantalhos aflitos

recomendando-se a Deus.
Que desolação! Os meus
não são gritos nem gemidos,
e não se dirigem aos céus
senão aos cinco sentidos

da demente amortalhada
em si mesma, como o nada
num monte de trapos pretos.

"*Miserere*", ó mascarada,
pomba entre urubus discretos,

pomba de sombra e recusa!
"*Miserere*!" Tua musa
protesta, mas se acomoda
de arremedar essa música

idiota a vida toda...

45 *POURQUOI PAS?*

A Madre Superiora
guarda em sua cela um crânio
e acorda sob o instantâneo
dessa luz constrangedora;
quanto à mera luz de fora,
àquela estóica senhora
não passa de um sucedâneo

da outra bem mais promissora.

Eu poria uma caveira
inteira, a coisa completa,
nua, pendurada à beira
desta minha cela: a meta,
a perfeita companheira
das lamúrias do poeta,
das insubmissões da freira
e da esperança indiscreta.

Não sofrer pela metade,

mas acordar sempre ao lado
do espantalho pendurado
com toda a solenidade,
seria assim meu cuidado;
creio bem que, por vaidade
ou não, eu, de braço dado
com minha mortalidade

seria mais natural,
pois prefiro à intimação
do susto, o susto total!
Sempre fui assim, o mal
que me atormenta a razão
e seduz o coração
é o corpo todo... Afinal
que importa o fim, por que não?

46 *EM PLENA VIDA*

Não sei por que o Mestre,
o Criador
da delícia campestre,
põe a cor

da treva por debaixo
da sempre-viva...
Não sei, mas acho
uma pena que viva

tão fragilmente a coisa
que vai morrer!
O ser,
a abelha, a mariposa,

tudo o que brilha e passa
me compadece.

Tudo parece
a lenha já fumaça.

Quem sabe que razão,
que argumento,
sustêm-Lhe o pensamento
na amplidão

diante do que se esvai.
A minha,
o meu, são este ai,
a erva daninha

queixando- se do Pai.. .

47 *O CAMAFEU DESFEITO*

Um ar de madrepérola,
uma garganta pálida,
duas águas-marinhas
e duas mãos de opala
indecisa, daquela
indecisão daninha
que tosse: a nuvem cálida
tossia mas mantinha
uma graça de inválida
resignada... A cela,
o cortil, a capela
e até mesmo a cozinha,
como que abriam alas
à cegonha grisalha,
doce, pausada, bela.

Minha breve vizinha
pairava como a pétala
de alguma flor de palha,
modelo da camélia

muito clara: tranqüila,
sorveu a camomila,
acercou-se à janela,
despediu-se da vinha,
e apagou-se à noitinha,
com a timidez da vela,
da cera que definha:

sua boca vermelha,
como a mecha apunhala
o ar, mordeu a tela
da escuridão, sozinha.

48 *DE COMO SE DESFEZ*

A morte vem, se aninha
num cantinho qualquer,
num peito de mulher,
uma mulher sozinha,

uma sombra que tosse
e tosse mais depressa
cada dia ... Começa
a morte a tomar posse

de um rosto que emagrece,
que, imperceptivelmente,
como uma garça desce
ao lago, de repente

parece se afogar ...
A ave num acesso
de tosse, a flor de gesso
na umidade do ar

a tremer, a tremer ...
A morte lança a rede,

esbarra na parede
e prende sem querer

a frágil silhueta
que ali estava, e parte!
É muito estranha a arte
da pescadora quieta...

49 *A LUPA*

A morte num convento
devia acontecer
como um entardecer
tranqüilo, sonolento,

calafrio no ar
esbatendo-se lento,
calmo, familiar,
um acontecimento

sem nenhuma importância,
senão sem sofrimento,
desaceleramento
do tempo na distàn cia...

Mas cada vez que chega
a capenga, o momento
da estranha guia cega
de um corpo, um pé-de-vento

horrível se levanta
por todo o comprimento
deste lugar cinzento:
surge de uma garganta,

estende-se às mobílias,
entra no pensamento

das sacrossantas filhas
da sombra com o cimento

e, como um grito agudo,
uma lente de aumento,
amplia, entorta tudo!
Povoa-se o conve nto...

50 *MISSA DE SÉTIMO DIA*

Sete dias já na cova.
Uma semana estendida
num caixote, pondo à prova
a incógnita desta vida,
a fé que tinha ... Tão nova!
Criança que leva a sova
sentindo que é merecida,

coitadinha. Enfim, quem sabe...
Nada faz muito sentido,
lei nenhuma, aqui se cabe
num código de Hamurabi,
num caixão ou num gemido ,
não se cabe é num vestido
até que tudo desabe,

e então sim! A morta branca,
a noiva em gaze e cetim,
grinalda, buquê... E a tranca
na porta, a que não tem fim,
a que ninguém mais arranca,
virgindade de anca a anca,
o falso esponsal. .. Assim,

alva, quieta, já sem tosse,
lá foi ela, deitadinha,
à espera da única posse,

do estranho amante que a vinha
cortejando como a um doce,
guloso como se fosse
noivo mesmo, ela a andorinha

que lhe pousar a no braço...
Apagou-se assim, de leve,

tão calma, que até o cansaço
de tanto tossir esteve
dando-lhe uns ares de maço:
florzinhas murchando ao passo,
ao ritmo mais, mais breve

da respiração difícil.
Secou como seca a poça,
devagarinho; ao início
da agonia ainda era a moça,
logo a criança, um resquício
de temor do precipício
no salto, no olhar de corça.

E lá despencou, metida
na regalia nupcial,
a gazelinha que a vida
maltratou, tratou tão mal,
que já à porta da saída
à guisa de despedida
jogou-lhe o buquê fatal.

Nunca a vira assim, com flores,
nunca punha as mãos em nada,
juntava-as como penhores
de uma entrega resignada,
apertava-as quando as dores
aumentavam-lhe a orvalhada
no rosto: suava as cores

de um dolorido poente
que a desbotava, e lá ia,
as mãos juntas sempre à frente,
junto ao peito... Na agonia
separou-as de repente,
ergueu-as e sorridente
fez-me sinal que subia!

Talvez subisse, na certa
qualquer coisa se evapora;
tinha em cada mão aberta
não o gesto que apavora
mas o toque que desperta,
aquela tensão alerta
da asa que vai embora.

A que eu lavava e vestia,
o corpo magro da freira,
tinha de certa maneira
uns vestígios de harmonia,
saudades da companheira...
A que sobrara cabia
numa caixa de madeira

com tal mestria e leveza
que faltava a rigidez
da pobre matéria presa
à última hediondez.
Quanto a imaginá-la ilesa,
intacta, não sei ... Talvez
fossem duas! Com certeza

quem muito sofre se apaga
como a vela que se queima
e vira a fumaça, a vaga
evaporação, a extrema
unção do fogo... Se a saga
de um corpo não vira teima,

pode ser que cada chaga

vá-se tornando perfume,
pétala virando aroma,
ar virando vaga-lume,
lume virando redoma
de iridescências, estrume

virando o jardim, a soma
perfumada de um negrume ...

Um leve buquê de ossos
foi baixando à terra fria
gravemente, como os nossos
pensamentos ante a pia
batismal... Vagos esboços
de uma ansiada harmonia,
os frutos sem os caroços,

a intenção de cada dia...
Era um feixe de canseiras
resgatadas na alegria
de resvalar pelas beiras,
de cair onde caía,
vinda de fundas olheiras,
a lágrima de Maria

pela mais doce das freiras...

51 *CANÇÃO DE CADAFALSO*

Praça de São Bento,
torturavam o homem
no teu pavimento,
abusavam um nome

sacrossanto... O vento
que nada recorda,
que balança a corda
mais o comprimento

do dependurado,
se leva o lamento,

o ai estrangulado
do sufocamento,

da agonia horrível,
hoje, e ste momento
de maneira audível
repete-os, e e tento
u
não ouvi-lo e m vão,
ouço tudo: o lento
esfacelamento
de uma solidão

violentada, erguida
no alto do vento
como a despedida,
o adeus violento

contorcendo a mão
na fumaça, lento
como o esgarçamento
da sufocação ...

Praça da agonia,
mentira, memento
de selvageria,
não, não te inocento

só porque te chamas
Praça de São Bento,
ao contrário! As chamas
do padecimento

atiram-te o nome
como escárnio ao vento!

Réplica do homem,
pedras e cimento,

duro monumento
aos donos do dia,
sob a sombra fria
de um triste conv ento...

Ó Santa Escolástica,
irmã d e São Bento,
que horrenda ginástica
o arrependimento

segundo o sagrado
concílio de Trento!
Tudo em vão .. E o gado
muge, sonolento.

52 *SEPTUAGESIMA*

Descendo à raiz
dessa noite escura
em que a criatura
é sempre apr endiz,
a alma, infeliz
porque nada dura,
às vezes procura
e encontra o país
em que cabe inteira;

mas não a maneira
de permanecer
tão próx ima ao ser,
e entristece à beira
de um entardecer.

II

Pobre forasteira,
é triste te ver

enrolar a esteira
e partir sem ter
sequer o prazer
de uma noite inteira!
O corpo te quer
como companheira,
mas entre a poeira
e um corpo qualquer
tu és a estrangeira,
não tens o poder
de unir-te à fogueira,
só de vê-la arder.

III

Vai, vai, vai sozinha
aonde vais agora,
única andorinha
que não se demora
nem sabe onde mora.
Voa, vai, caminha,
sobe como a vinha
pelo ar afora,
que importa aonde vais?
Ninguém te lamenta,
nada te contenta,
tudo te é demais
ou de menos... Tenta
não olhar atrás.

IV

Tu és como a freira
que tudo o que tem
é às vezes alguém
junto à cabeceira,
sombra carpideira
falando do além...
O além! Brincadeira
de mau gosto, trem
no túnel escuro
de que não sai mais...
Que importa o futuro?
O futuro faz
cócegas demais,
mas não pula muro.

V

De noite, de dia,
quando me levante,
cá estou diante
de maçonaria,
parede, enxovia,
a jaula constante
e eu perambulante
de cela vazia
a sala mais fria.
E instante a instante
essa alegoria
fria, inquietante,
de uma parceria:
a alma e a agonizante.

VI

Porque a alma e eu
somos parecidas,
temos duas vidas:
uma já morreu,
a outra só n o céu...

Desapercebidas
uma e outra, ao léu,
velhas encardidas
como um solidéu,
há duas saídas
para nós: o breu
das horas perdidas
ou o vago escarcéu
das arrependidas.

VII

A sétima dor
não sei qual seria,
qual a que hei de pôr
na última elegia:
a dor da alegria?
A marca do amor
na carne que esfria?
Seja lá qual for
a agonia, meto
na ferida o dedo

e acabo o soneto
com a dor do segredo:
amo e tenho medo.
Amar é incorreto...

53 *PENÉLOPE*

Em face dos rendilhados
da teia verde da hera
à procura dos telhados
no céu outonal e à espera
desde então da Primavera,
diante desses bordados
tão fiéis, minha quimera,
meus vagos versificados
interrogam-me: quem era

a princesa cuja tela
tecida durante o dia
à noite ela desfazia?
Não lembro, mas sei que aquela
bela fluidez sumia
na escuridão ... A janela

entreaberta me revela
de um lado a hera tão fria,
tão constante quanto a pérola,

do outro este meu caderno
com a tinta empalidecendo:
comparo-os e compreendo
que a minha versão do eterno,
retalhos do que mal lembro,
do que fiz antes do Inferno,
jovem ainda este Novembro,
uma vez passado o Inverno

vai envelhec er... Trem endo

este parentesco meu
com o tempo, o padecimento,
o que se esvai! Quando tento
salvar do que se perdeu
um perfume, um pensamento,

olho as heras, vejo o breu,
sinto a noite, o esfolhamento
da criatura que sou eu
e solto as tranças ao vento...

Penélope ! Era o se u nome...
Ela era a esposa de Ulisses.
Como às heras, quem a visse
intacta ante o que consome,
indiferente a crendices,
veria a sombra do homem
que certo dia lhe disse
que voltaria. O abdômen
se alimenta do tangível,

quando não come definha;
mas a alma, essa rainha
quase viúva, sozinha
se alimenta do invisível...
Pode parecer incrível,
mas como as heras a minha
lucidez, imperceptível
a olho nu, por mais daninha
que seja, busca esse nível.

54 *AS LUAS*

A ladeira das pedras apressadas
vai baixando, rolando tão depressa,

que não se alcança ver onde começa,
onde acaba o contorno das calçadas,

das carroças batendo nas beiradas,
sumindo ... Não sei mais como não pe ça,
a quem pedi-lo, que me deixe essa
ou aquela ilusão de tantas dadas

ao redemoinho em vão de uma janela.
Baixo a cabeça; como a lua solta
as tranças cor de vento, dou de volta

o que é inútil querer: que fazer dela,
desta noite vazia, eu, ainda envolta
nas tranças de outra lua tão mais bela?

II

Aquela essa não é! Não é a mesma,
nem pode sê-lo. Aquela era tão quente!
Queimava-me o cabelo, dente a dente
rasgava-me o cetim... Essa é uma lesma,

aquela era um clarim! A mente cisma
até que sejam duas realmente ...
A que nos viu amar compunha um prisma

a cada gesto, parecia gente!
Quando ouvi afinar uma viola
pela primeira vez, tomei um susto,
jamais me acostumei; não sei, eu custo

a me render e não aceito esmola,
queria a out ra lua... Esta é uma bola
inútil como as duas do meu busto.

55 *O ESPELHO*

ó fuga de um rosto, ó rastro
que te pareces comigo,
nesse espelho em que resistes
vê-se melhor o inimigo,

o mesmo que ceifa o resto
da tua sósia vestida.

Para que mostrar-me um rosto
que andava nu pela vida

e agora aos poucos se veste
de vagas teias de aranha?
Quando te olho detesto
teus fulgores de artimanha!

56 *O GAVIÃO*

Pousava aqui como quem chega
pesaroso de alguma lousa,
de uma tumba qualquer; já não pousa
como certa mulher, a cega

que mendigava por aqui
quando eu era ainda noviça;
as primeiras vezes que o vi
lembrei-me dela e da carniça

que lhe davam, suas unhas duras
e sujas agarrando aquilo!
Onde andará? Se nas alturas,
terá modificado o estilo

e provavelmente a ração;
senão... O gaviã o é o mesmo,
disso estou certa! Mas desde então
cresceu muito, já não voa a esmo

por aí, hoje arrebata a caça,
e quando mata chega de outro jeito,
com outro ar: pousa satisfeito,
é todo a máscara, a couraça

da arrogância! Dá-me raiva vê-lo,
prefiro o modelo anterior ...
Como uma escultura de gelo,
esse de agora é ameaçador,

frio, irreal, o senhor das caçadas
traz o nada no bico e no porte:
não vem dos mortos, vem da morte!
Tinha antes só suas pegadas,

era solene como um cemitério;
hoje ele mesmo faz-se um e é o *Não*
que chega aqui com um ar estéril
e pousa desprezando o chão.

57 *MEU AUTO-DA-FÉ*

Tento há tempos viver com uma fogueira
peregrina, contínua e de passagem,
no entanto as labaredas da linguagem
mal tocam a realid ade, a cois a inteir a...

Um modo de dizer o mundo cheira
a carne chamuscada, mas a imagem
consome-se, mal vale a aprendizagem,
e tudo acaba em vaga fumaceira.

Junto tudo o que posso e não consigo
subir ao centro ardente e luminoso:

talvez porque o intelecto é o inimigo,

talvez porque é incapaz do mesmo gozo,
vivo entre o vício cognitivo e o antigo,
o sacro sacrifício pavoroso.

II

Cantar não deixa marcas no fugaz,
não molda o passageiro, não alcança
nem sequer os perímetros da dança,
o canto é apenas outro sopro a mais .

A mente quer sumir, fundir-se atrás
da sombra de uma chama, não se cansa
de tentar, mas parece uma criança
buscando se escond er sem ser capaz

senão de amontoar-se entre os lençóis ...
Não vejo como alcance atravessar
o centro da fogueira e v irar voz:

o grito que circunda de lugar
em lugar o real desfaz-se em nós
e o que alcanç a dizer som e no ar ...

III

Em cada vago feixe de alusões
o fantasma febril é prolongado
por uns instantes mais; mas onde pões
tua fé, alma vã, anda um passado,

o resto todo foi carbonizado,
o que dele disseres são noções:

tudo começa a ser ressoletrado
no instante exato em que as dissoluções

instauram seu reinado purgativo.
O canto é a insaturação do absoluto,
e esse não cabe no fugaz, no vivo,

o instante é morituro, anda de luto
o que tentas dizer ... Ó fugitivo,
tua fogueira é coisa de um minuto.

58 *ARS POETICA?*

Essas colheitas,
as que procuras
entre as alturas
as mais perfeitas,
são bem mais puras
do que suspeitas...
É em vão que deitas
mãos imaturas
a essa distância:
fio por fio
tocas a ânsia

de um fogo frio,
não a elegância
desse vazio.

II

Se queres canta!
Abre cavernas,
enche a garganta,
levanta as ternas,

doces lanternas
do canto e espanta
o escuro! Hibernas
sozinho, e é tanta
a escuridão
entre a laringe
e um coração,

que a alma finge
cantar, mas não:
canta o utra esfi nge...

III

Planta, ó cantor,
tuas palavras
entre o esplendor
perdido e as lavras
mudas do amor.
Deixa o que gravas
no ar, e a dor
com que te cravas
tantos punhais;
larga essa lida,
tent a b em mais:

deixa que a vida
viva ferida,
mas viva em paz.

59 *TEOLOGIAS*

O lagarto que viveu
acompanhando um enterro
teve mais sorte que eu,
cansou-se e foi para o céu.

Presumivelmente é um erro

supor que um pobre animal
acuado a vida inteira
entre um pátio e uma fileira
do tipo conventual,
vá onde há de ir a freira,

não de volta ao paraíso
que perdeu quando o agarraram,
mas ao que nos reservaram;
no entanto, quando é preciso
destacar sombras que andaram

dando voltas a si mesmas
e os pacatos animais ,
as almas que andam atrás
de seus corpos como as lesmas,
cada uma é mais capaz

de invocar-se um raciocínio
teológico ... E a um lagarto
condenado ao apolíneo,
sem direito à dor do parto
como elas, negam quarto
nas pousada s do di vino...

60 *OS REMORSOS*

Como as coisas, os remorsos
envelhecem, são quebrados,
caem por todos os lados,
como pedaços de torsos

esquartejados, pescoços
que um dia foram beijados

e enrugaram-se, coitados,
peles coladas aos ossos,

amarelos per gaminhos...
Nossos réus baixam sozinhos
à escuridão, com o desleixe

de um amontoado, um feixe
de noções que a dor remexe
às vezes, devagarinho.

61 *BLUTVERGIFTUNG*

O sangue dos mártires
frutifica: o meu,
um velho judeu
que comprou um cárcere,

ficou esperando
vir o Messias
e gastou os dias
e as noites num quando

que nunca chegava.
O meu sangue estéril
só verteu palav ras
no eterno mistério

da inutilidade.
O sangue dos santos
vira eternidade ,
o meu, pelos cantos

da dor musical ,
anda a quatro patas
entre du as data s:

a de um espo nsal

que ainda não deu fruto
e a indetermin ada
hora da chegada;
minuto a minu to

à espera Daquele
que ao pedir-me a mão
enrugou-me a pele,
trancou-me o portão

e não, não entro u...
Ou vai ver que veio
e o meu sangue, cheio
de asas sem vôo,

nem seque r not ou-O...

62 *A FOGUEIRA*

Ao fio e à medida
que os dias passam, vão-se acumulando
a mágoa não, a cinza desta vida.
À medida que os anos vão chegando

e passando, e amanhece e anoitece
outra vez, sempre mais
a vida te enriquece, porque vais
deixando para trás, como quem desce

sem perceber uma longa ladeira,
os pedaços inúteis, e eis
que tudo te enobrece, à maneira

do avaro milionário que uma vez

que acendeu a fogueira
vai-lhe entregando tudo quanto fez.

63 *OUTRO AUTO-DA-FÉ*

E assim, queimando cartas
na velha chaminé,
ajoelhada e farta
do que juntei de pé,

vou ficando mais rica
à medida que a chama
recebe e purifica
tudo o que o peito ama.

Ou amou... Pouco a pouco,
como desaparece
o resumido louco

de tudo e nada, e esse
holocausto arrefece,
fica um vão, sobra um oco ...

64 *SEMELHANÇAS*

Sei que não tenho nada
a ver com a borboleta,
mas sua sombra preta
como eu, projetada

da vidraça à almofada,

nos aparenta — A seta
de luz, a alfinetada
que a trespassa e aquieta,

desenha a criatura
que vai morrer mais pura
do que eu, e tão bela

quanto nasceu. À altura
da luz, junto à janela,
sou como a sombra del a...

65 *LE REVENANT*

Que foi, coração?
Foi o anjo, a besta?
Tocaram-me a testa
com tal mansidão,
que foi-se-me o chão!
Caí pela fresta
da velha emoção,
mas não sei que festa,
que baile risível
dão no labirinto
do que ago ra sint o...

Baixo agora ao nível
do que andava extinto,
mas será possível?

II

Com certeza não.
Com certeza resta
qualquer emoção
na alma e se presta
a uma encenação

sem razão, seresta
para um coração
que acordou da sesta
à hora da ceia
e tomou um susto!
Mas se tenho idéia
de qual seja o custo,

não sei que sereia
nina-me no busto.

III

Que figura é essa?

Do que me recordo?
De um jardim? De um tordo?
Da luz que começa?
Do vulto e da pressa
de um moço, hoje gordo,
calvo, o ator na peça,
mas que, sem o acordo
do autor, é o poltrão
que de madrugada
bate em retirada?
Por que, coração,
essa volta a um nada ,

o arabesco em vão?

IV

Não, falta uma peça
para ser um todo,
a esse doce engodo.
Há quem reconheça
a carícia avessa,
ou feita de modo
tão tardio? Espessa

como a mão no lodo
e, claro, hesitante
porque temporã.
Se por um instante
pensei na manhã,
vi-a mais distante,
ainda mais vã.

V

Gostei de revê-lo,
de me figurar
todo o seu cabelo,
a tocha no ar,
solta, a crepitar...

Daquele novelo
fiz a lã de amar,
teci meu apelo
inútil, secreto.
Tudo tão discreto
que ao vê-lo outra vez
pudera talvez
trocar meu espectro
por aquela tez...

VI

É ainda tão belo
que doeu no olhar!
Foi como pregar
o ser a martelo
na emoção: revê-lo
ocupando o ar,
o mesmo lugar,
a alma nua em pêlo...
Mas o belo passa.
A ilusão também.

Talvez a desgraça
seja ainda um bem.
Vai longe a fumaça.
Mais longe que o trem.

VII

Cristo meu, Cristo Rei,
Cristo morto de medo
naquele Horto, eu sei
que nunca é tarde ou cedo,
que esta vida é arremedo
do madeiro de lei
em que morreste e amei;
sei que a dor é o levedo
da humana condição
e não mero castigo;
que cada rosto é antigo
como o teu, que a ilusão
não é a ressurreição ...
Mas por quê, meu amigo?

66 *A CARTA COMEÇADA*

Senhor, as dispersões do dia curto
demais, cheio demais para buscar-Te,
como as fúrias do instinto mais o furto
capcioso do instante, o amor da parte

sem o todo, o mesmo tordo que criaste,
e a doce cotovia e o eterno susto
das coisas balançando pela haste,
o esplendor que estremece e cada vulto

que passa e há de passar, porque é mister
que tudo passe porque assim quiseste,
tudo isso, Senhor, quando eu puder,

tudo isso hei de deixar para adorar-Te.
Difícil por enquanto: eu vivo neste
envelope cruel que endereçaste.

II

Se a carta começada e abandonada
indecifrável sobre a escrivaninha,
a carta sem seqüência foi deixada
para que eu a acabasse e fosse minha

a assinatura mísera e mesquinha;
se a carta era um pretexto para cada
investida do amor por esse nada
que o circunda, é possível que sozinha

a alma termine bem aquela carta?
Não sou eu a missiva, eu sou o assunto
e não sei o que diga. A alma anda farta

dos rascunhos de tudo, do presunto
enigma senciente que não basta,
Senhor... Senhor, por que me abandonaste?

67 *A ESTRELA-D'ALVA*

Não soube destacar-me
do que amei e mal tive
e, de s usto em alarme,
segundo o que se vive

como se morre, andei
de um lado para o outro

sempre segundo a lei
do mesmo desencontro.

Desencontrei-me até
comigo mesma e pude,
como a bola de gude
que a criança de pé

se consegue jogá-la
dificilmente acerta,
pude rolar na sala
da solidão alerta.

De resto, que dizer?
Que às vezes acredito,
às vezes não? Que o ser
com ser breve e infinito

ao mesmo tempo é pouco?
Que nada me bastou,
nem a lição do vôo
nem a emoção do louco

que refaz o que quer?
Que fui como o regato
revolto, como o ato
contínuo de correr

sem sair do lugar?
Que não sei se a corrente
é o instante presente
ou se o ser para estar

tem de voltar atrás?
Se digo tudo isso
com o acento enfermiço
de quem não pode mais,

hesito e acrescento
uma única ressalva:
amei a estrela d'alva!
Foi meu contentamento.

68 *O GRITO*

Talvez a esta existência
falte uma explicação,
mas é uma impertinência

pedi-la ao coração.
Talvez cada mistério
tenha toda razão

em ser muito mais sério
que o coração mais grave.
A dor, o grito estéril,

como a ânsia da ave
é um vôo ruim:
a gaiola é sem chave

e tanto faz, enfim,
a asa se estilhaça...
Lembro, neste jardim,

um meu grito e uma garça
que me ouviu espantada;
o sol numa vidraça

passava a mão dourada,
seus rápidos pincéis
completavam a alvorada

em rápidos anéis,
ensanguentavam a vinha;
os gerânios fiéis

calavam-se e sozinha
uma dália no meio
daquela angústia minha

resis tia-me... Creio
que vi um contra-senso
em tudo aquilo, o veio

perfeito do silêncio
que eu mesma esfrangalhara.
É possível que o imenso

seja uma jóia rara,
um cristal, mas tão frágil
que a mão que se prepara

a alçá-la ao colo, ágil
que seja, é inadvertida.
Tive então o presságio

que me poria a vida
de pernas para o ar:
de que é jóia perdida

por muito a cobiçar
esta vida, um fragmento,
um resquício solar,

e em nosso encantamento
sequer nos damos conta
de faltar-lhe o elemento

vit al... A jóia pro nta
a ser apenas brilho
é como o ocaso, conta

a história de um exílio,
de um baile que não passa
de engano, de um rastilho

de luz sobr e a vidr aça...

69 *LA BLANCHISSEUSE*

Por fim os pecados alheios
doem-me tanto quanto os meus.
Não creio em pecado de amor,
onde há amor há dom de Deus.

Ainda assim, seja lá como for,
carrego os pecados mais feios
deste mundo, sou um mata-borrão:
as manchas dos outros e as minhas
misturam-se numa confusão
de fazer dó!
Mas quem sabe um dia
a paciência de Maria,
mãe de Deus e perpétua madrinha
dos perpetradores da vida,
naquele informe labirinto

do que sou, do que fiz, do que sinto,
não por mim, mas pela criatura,
consiga destrinchar a leitura
desse meu texto e, por simpatia
com nossa excelsa imperfeição,
haja por bem achar saída
e conduzir-me, confundida
como sempre andei, até ela.

Porque há de ser por sua mão
que hei de chegar talvez até
seu santo Filho. E uma vez ao pé

do tremendo trono de luz,
talvez me atreva a perguntar:
— "Santo, Santíssimo Senhor,
Filho e Pai da mais doce donzela,
por que me tocou carregar
entre todas justamente aquela,
a cruz dos erros e dos pesos

tão alheios qua nto meus? Às vezes
aceitei caminhar ao Teu lado,
mas como que m faz um favor!''

Pensando bem, não digo é nada.
Fico bem calada e esquecida
da inexplicável barafunda
que fiz de tudo neste mundo,
onde todo sofrimento é herdado
para que seja redimido
pelo suor da lavadeira
que a alma por aqui sempr e é...

A pob re, cuja roupa suja
é dela e dos outros, e cuja
trouxa enxaguada e ainda pesada,
uma vez subida a ladeira
de esperan ça, caridade e fé,

ela depõe ao pé de Deus.
Porque afinal toda sujeira
é de todos. Brancos só os ossos.
Que enfim o rol dos meus remorsos,
o rol dos erros e desvios meus,
é o mesmo rol dos nossos.

70 *OS CABIDES*

Este é o quarto, o quarto
dos velhos desesperos

useiros e vezeiros,
este é o lugar do parto
do coração, do cheiro
da solidão de quatro,
da dor do corpo inteiro
estatelado, farto
de dar à luz um feto

tão patético e preto
quanto o monte de tiras
da múmia que o parir.
Este é o lugar de ouvir
e de dizer mentiras.

II

Esta é a nudez da hora
do corpo, da agonia
da carne vã que o dia
embalsamou e agora
se desamarra e chora
como uma múmia fria,
a jove m múmia loura,
pecadora e sombria.
Este é o busto dela:
dois montes pendurados
como sacos de tela
soltos, manuseados
pelo vazio, pela
mão dos ventos gelados.

III

E estes são meus pecados:
um espelho escondido,
uns bilhetes ras gados

e recolados, lidos
e relidos, dobrados
com cuidado e metidos
entre os cinco sentidos;
e por todos os lados,
nos rápidos cabides
da ilusão, meus espectros

deslumbrantes, secretos,
pendurados às vigas
de umas cenas antigas
em que andavam despidos ...

IV

Este é o meu jardineiro,
que tirava a camisa
e pendurava-a à brisa
debaixo do salgueiro,
do cipreste ... O primeiro!
Tinha a pele tão lisa
num corpo tão ligeiro
que o olhar ainda precisa
correr-lhe atrás depressa!
Tinha a fina cabeça

do jovem leopardo
e parecia um dardo
seu braço ágil, pardo,
flecha na l uz travessa...

V

Este... Naturalmente
este é o maior de todos
e ainda tem os modos,

o porte irreverente
da estátua, do demente
que, de comum acordo
com a alma impaciente,
beijava como eu mordo
meu lábio inferior,
assim! com todo o ardor

do girassol contente
de entregar-se de frente
ao sol que vai se pôr...
Este é o maior ausente.

VI

Este pende vazio.
O meu cabide triste
no longo espaço frio
do que já não existe.
Este, na luz em riste,
inútil como um fio
num labirinto esguio,
infindável insiste
em não ser, em não dar -se...
Este é só um cabide.

O de Semiramide
em seu jardim suspenso.
Nele penduro um lenço
às vezes, seu disfarce.

VII

Este é um quarto vazio
que só a imaginação
povoa com um sombrio

cortejo temporão
os cabides, a mão
que acaricia o fio
do labirinto frio,
sem Minotauro... É em vão
que cumpres tua parte
nesse idílio de morto,

coração absorto,
aqui a tua arte
é a de embalsamar-te
na múmia do meu corpo.

VIII

Este meu povoado
oculto, fantasmal,
entre a noção do mal
e o mal de haver amado,
este armário fechado,
este velho arsenal
de arcabuzes ao lado
do hábito da vestal
que, se nasceu desnuda,
quando enfim ficar muda,
fria, quieta talvez,
não vestirá o negro
de cada dia — entrego-o
a ti, se ainda me lês...

IX

Abre tu este armário,
sacode-lhe a poeira
um dia, ó vaga herdeira
do sonho perdulário
de uma vida ao contrário:
o hábito da freira
joga-o fora, da beira
da janela do aquário
em que viveu, a torre
fria da Lorelei
que encanto algum socorre...

O resto, cada ai,
cada cabide, vai
com ela aonde se morre!

x

Este é o testamento
da sombra sonhadora
que viveu aqui dentro
desde que caiu fora
da vida; a pecadora
que entrou por um convento
como a dor pelo centro
da carne que demora
a se apagar de todo.
Este é o grito doido
que uma sombra gravou
no papel, como um vôo
contínuo entre paredes.
Ah, que nunca o arremedes!

71 *POST-SCRIPTUM*

Este é um post-scriptum
vários anos após.
O eco daquele grito
ouvido quando a voz

no retângulo atroz
de um reino tão restrito
sufocou-se. Hoje, a sós
com o que deixara escrito,
ocorreu-me indagar
se seria possível,

talvez, não sofrer tanto.
Mas não sofrer enquanto
a carne chamejar
é uma noção risível.

72 *O DESMAIO*

Desmaiei certa vez
na varanda, no espaço;
caí, quebrei o braço
tentando ver as três

Pessoas da Trindade,
buscando entender Deus!
Invejava aos ateus
sua tranqüilidade,

a douta indiferença
que abole o invisível
e instala o ser ao nível
do canudo que pensa.

Hoje invejo bem menos
esse ser doutoral
que os olhinhos serenos
da ave, do animal.

Fui olhar de soslaio,
resvalei num vazio
e não O vi: senti-O...
Mas desde seu desmaio

a douta equilibrista
de patinha engessada

já não inveja o artista,
inveja a passarada

feliz de não ver nada ...

73 *IN EXTREMIS*

Gnomos do ar,
(rompei) ajudai
(o cristal) meu pai,
que não pode mais
ver ou respirar
o ar natural
ou meu rosto igual
ao seu e ao de Deus.
Pelos seus pecados
não, mas pelos meus,
Senhor, ordenai
os gnomos do ar
que queiram erguer
com todo o cuidado
esse cortinado
já quase final
para que meu pai
possa me enxergar.
Gnomos de Deus
que ordenais o ar,
donos do cristal
que rodeia o ser,

vinde, obedecei
e purificai
pela última vez
vosso cortinado
para que meu pai
possa respirar,
consiga me ver!

Senhor que sois Três,
perfeita Trindade
que nunca se fez,
fazei a vontade
de quem vai morrer,
suspendei as leis
da vida e, malgrado
os gnomos do ar
que cumprem as leis
da morte, mandai
que agora meu pai
possa respirar
uns instantes mais
e no rosto meu
pouse o seu olhar
vendo o que ele fez.
Maria, Maria,
vós que conheceis
a humana agonia,
acorrei, rogai
que ele possa ver
para abençoar
antes de morrer...

74 *UM DOM DADO DE GRAÇA*

A paz que elude o humano entendimento,
a paz que o ser cobiça mas não vem
nem da delícia cobiçada nem

das simplificações do alheamento;

aquela paz que chega como um vento
ou como a brisa mansa, mas que tem
raízes dolorosas muito além,
aquela é a paz que nasce do tormento,

da Cruz... A tua paz, porque só Deus
dela dispõe e só no sofrimento
Ele a concede toda, e só aos Seus,

pede-a a Deus Pai como um coroamento
inefável de espinhos: Ele deu
Seu Filho para o teu contentamento...

II

A vida terá sido uma procura
desnecessária: tudo estava ali,
cravado àquela Cruz, um colibri
de luz sangrando na madeira escura.

Um dom dado de graça! E dado a ti
e a mim por puro amor da criatura,
quando o ferro rompeu a tessitura,
a unidade de um corpo que eu traí

mas que veio perdoar... Foste perdoado,
fomos todos perdoados pelo Pai
porque Seu Filho foi crucificado

aquela vez e agora em ti, que vais
morrer, ressuscitar e nunca mais
hás de deixar de vê-Lo do teu lado.

III

A incompreensível solidão da Cruz,
que era muito maior que o teu martírio
e o meu multiplicados pelo pus
que ferve em nós por causa do delírio

que idolatramos entre a sombra e a luz,
a solidão do Cristo no Calvário,
tão necessária à tua e à minha e ao vário
rebanho desvairado que Jesus

veio buscar por ela, a solidão
do único inocente, do mistério
que tudo explica, aquela expiação

salva-nos do confuso e do ilusório.
Confia nela, põe teu coração
nas mãos Daquele grande solitário.

IV

Vai, entrega-te a Deus, que Ele te quer
e veio procurar -te nessa cama
em que agonizas, onde o corpo ama
e morre: todo filho de mulher

deita a cabeça quando Ele quiser.
Deita -a no colo de Maria, a ama-
de-leite que O ninou e que Ele chama
de mamãe, Deus é filho de mulher ...

Como o menino que Ele foi, que és,
confia-te também às mãos daquela
que O amamentou para juntar-Lhe os pés

ensangüentados . Confiado nela,
hás de te levantar, mas desta vez
perfeito, e hás de correr como a gazela!

V

Tudo se aca ba, devagar, de pressa,
de repen te... Tudo é breve nesta vi da
que nos confunde e, se não tem medida,
tem o nome trocado na etiqueta.

Tudo é remédio e nada cura dessa
desolação gra tuita que convida
e desaponta. À porta da saída
a alma volta a cabeça e irrequieta

desiste de entender-se. Mas a alma
não pertence a este chão em que engatinha
o corpo, a alma tateia e só se acalma

quando flutua. A tua alma (e a minha)
pertence à perfeição, procura o umbral
maior que o mundo a que desceu s ozinha.

VI

Atravessa, meu pai, aquele umbral
e esquece-te do corpo que definha
porque a não pode acompanhar e tinha
que abandonar-se: o corpo era um sinal,

um primeiro rascunho do real.
Aqui, no andar de baixo, na cozinha

de Deus, somos só pó, somos farinha
que o levedo da dor, sacramental,

misturando-nos lágrima e suor,
prepara para a grande majestade
da transfiguração. Deus é o escultor

que refaz o imperfeito , essa metade
que somos aq ui embaixo e por amor
Ele vai c ompletar na eternidade .

VII

Entrega tudo aquilo que te resta
à última operação do Criad or,
que há de fazer de tudo o que não presta
um corpo glorioso como a cor

do cristal mais perfeito . E se não for-
te fácil imaginar tamanha meta,
fecha os olhos e pensa numa seta,
uma seta que sobe e que no ardor

de ir subindo se vai fragilizando
e transformando em asa de libélula.
E o vôo é pura música, e há o bando

dos querubins e serafins e aquela
que concebeu Jesus e Deus chegando
e te envolvendo , como a madrepérola ...

75 *VINHETA FINAL*

Vai-se o moribundo
entre as folhas soltas,

desfolha-se o mundo,
ele não: fecundo
em idas e voltas ,
sobra um coração
em tumulto; ao fundo
a ressurreição...

76 *OS RASCUNHOS E A TÚNICA*

É mentira que o corpo é inevitável.
O corpo é necessário, mas um pouco.
Inevitável neste mundo louco
é sair dele. O corpo é do inefável,

o resto é propaganda: o incontrolável
instinto de abusar de um pobre toco
plantado ali para encaixar-se a um oco,
é uma grande mentira. É um peso grave

o corpo, a carregar como uma cruz,
como a que foi usada por um corpo
para que cada corpo desse à luz

a própria solidão como arcabouço
da transfiguração: o sangue, o pus

e o suor são rascunhos, mas de um sopro.

II

Existe a realidade e existe o sopro
do real, a vertigem instauradora;
existe aquele susto e, mais não fora,
existe a grande aspiração do corpo.

Porque existe no corpo uma incorpórea
inquietação, a vocação do morto

em ser mais que seu corpo. Porque o corpo
nesta vida estraçalha-se por fora

mas é salvo por dentro. Existe aquilo
que os sentidos agarram na corrida
e largam para trás, por não feri-lo

demais, o corpo ponto de partida.
Nobre demais para viver tranqüilo.
Pobre demais para conter a vida.

III

A alma é como a sombra desse corpo;
ou talvez como a túnica que veio
cobrindo aquele outro até o Horto,
as carnes do homem-deus, Seu corpo cheio

de solidão, cheio do desconforto
do amor que ninguém quer, o amor do alheio ...
A túnica por fim caiu no meio
dos vazios do mundo e, como o corpo,

a alma enjeitada atira-se no chão,
e geme, e todos dormem... Pobre túnica,
arrancada e pisada e sem noção

do que vale entre os dados ... Será única?
Ou só indivisível, disputada
por capricho de Deus ao homem e ao nada...?

77 *A VISITANTE*

Às vezes imagino-a,
o mais das vezes não,

vejo-a mesmo: a visão
de um vulto de menina,

a forma feminina,
a saia de balão,

a testa pequenina
e algo — não sei — na mão...

Eu como fui um dia?
A doce visitante
se me pára diante,

sorri como eu sorria
e abre a mão, confiante
da oferta: está vazia.

78 *REFLEXOS*

Depois do estrago
lá venho eu,
alga no lago
que Deus me deu ...
Pairo, divago,

mas exagero:
de mão no queixo
o dia inteiro,
passo e não deixo
marca nem cheiro

na longa poça
da vida estéril. ..
Fosse mais moça
levava a sério

a arte insossa

de ser Narciso,
mas não: repito
meio sorriso
e o pobre mito
vaga impreciso

como a neblina
que ronda o ser.
Assim termina
o entardecer
e, entre a colina

e esse ninguém,
sinto-me velha;
sinto também
que o que se espelha
no escuro tem

o mau contorno
da podridão,
o mal em torno
da assombração,
o peso morno

da sombra fria ...
Sou como o resto
de uma heresia,
a forma, o gesto
sem harmonia

de um espantalho
de beira d'água;
sei que não valho
nem essa mágoa,
dou-me ao trabalho

de ser reflexo
sem nem sequer
o débil nexo
de ser mulher!
Vulto convexo

no grande espelho,
assim ficou-me
o esboço: velho,
solto, sem nome,
lábio vermelho,

olhar de trapo,
marionette
de olheiras, papo,
empáfia e sete
pintas de sapo

na cara inchada!
Sarnas de orgulho,
manchas do nada,
sobras do entulho,
da mascarada

que ando fazendo
da minh a vida...
Destino horrendo
não ter saída,
ficar vivendo

porque o elástico
não arrebenta!
Mas é fantástico:
cumpro quarenta
e volto ao claustro

por minha escolha!
Podia ir-me,
fui, mas que folha
sente-se firme
soltinha? E a bolha

quer céu, quer p az...
Abrem-me a porta
e eu volto atrás:
a semimorta
já não quer mais

andar à toa...
Mas volta exausta,
farta da boa
notícia: a Fausta
que Deus perd oa...

79 *À ANIVERSARIANTE*

Dou-te, por teus quarenta,
alguns anos a mais
para voltar atrás;
joga fora a placenta,

pega em ti e amamenta
essa dor tão tenaz,
tão tirânica: tenta
ser como os animais,

faz como eles, lenta,
pacientíssima, traz
a ti o que atormenta,

dá-lhe colo e verás

a chaga purulenta
adormecer em paz.

80 *WIEDERGEKOMMEN*

E aqui venho de volta e Te agradeço
me haveres socorrido,
porque não levo mais no corpo combalido
a dor que ainda mereço.

Perdi-me muitas vezes, mas paguei logo o preço,
e por fim o alarido
do fogo eterno já não faz nenhum sentido.
A minha longa litania foi um terço

rezado às escondidas,
sem que a consolação
da vida eterna me curasse desta vida.

Mas Te agradeço que um martírio sem razão
fechasse uma ferida
sem culpa e sem perdão.

81 *CORRENTEMENTE*

O alarde triunfal daquelas anarquias,
do instante imorredouro,
já não pertencem ao corpo, ao seco escoadouro
que as longas agonias

umedeciam humanamente enquanto os dias

gritavam por socorro:
este corpo em que morro
não tem mais nada do que eu tinha e não colhias.

Ah, mas o doce alarde
daquele tilintar de gemas escondidas
escapa, escorre ainda

livre de tudo o mais, e é muito, muito tarde
para abolir-lhe o jorro, a fonte irreprimida,
o arroio, a inteiridade!

82 *NACKT WIE GOTT SIE SCHUF*

Corre, meu coração, não desesperes!
Ninguém, nada, jamais
há de deter-te o jorro livre, os belos ais,
tão altos, tão estéreis,

colar no colo d a mais casta das mulheres!
Não te atormentes mais.
Leva os teus malmequeres
aonde quiseres, livres, longe do fugaz,

longe deste lugar vazio, ó perdulário!
Morre, meu coração, como viveste:
louco, assombrado, vário,

partido em mil pedaços, mas com este
delírio teu do uno, corolário
da adaga libertária que me deste!

83 *IN DIE ILLA*

Só o santo há de chegar ao céu
melhor do que de lá desceu;

mas queira Deus que ao tocar-Lhe à porta
todos estejam bem mais limpos,
muito mais limpos do que eu.

Quando afinal a alma absorta
na perpétua contemplação
da perfeição do absoluto

que não tem fim porque é o Pr incípio
que engendra o contínuo de tudo;
quando afinal naquele olimpo
modelar o me u surdo-mudo
e cego e en fermo coração
se abandone, se restitua
à pura origem que era sua,
porque os filhos de Eva e de Adão,
em que pesem a Queda e a Expulsão,
são sempre os netos naturais de Deus;
quando já des pida do luto,
do medo co rporal da morte,
eu for enfim restituída
ao es plendor inevitável
e enfim me renda, enfim me prostre
ao pé do trono inabalável
que é como o umbigo desta vid a;
in die illa e pelos meus
erros, desvios e destratos,
oxalá ent re os anjos e os santos
a alma em paz, o coração
resgatado de algozes e irmãos
roguem por mim, por meus desencantos
inesgotáveis, por meus atos
e omissões, e pela idolatria
a que m e entreguei noite e dia
como quem não sabe, ou quem finge
não saber. Porque o rosto da esfinge,
como a promessa de um sorriso,
não respondem nunca a essa fome
de completude que há no homem.
Só a face de Deus é origem
e resposta. Só o Divino Narciso
reproduz-se na fonte virgem
que é o olhar da Sua criatura.
E quando ao fim da noite escura
se encontrarem reflexo e modelo,

que a luz dos que me precederam
desembrulhe o meu olhar e eu veja
desemaranhar-se o novelo
de minhas culpas e cegueiras
para todo o s empre. E assim seja.

84 *O ÚLTIMO TEMOR*

Não fiquei melhor, fiquei calma.
Já não tenho medo de mim .
Tenho medo só de que a alma
se me evapore antes do fim.

85 *O RELÂMPAGO*

Quero a totalidade que incend eia,
pau de lenha que sou. Tudo o que tenho
dou-o para que venhas: veia a veia,
a hemorragia ao pé daquele lenho

plantado para sempre aqui no meio
da condição que herdei! Teu reino venha
ou não venha, quem sabe, mas que eu tenha
perpétuo acesso aO que sacrifiquei.

O reino não importa, o reino é o resto.
É entre nós dois que tudo cabe e conta.
É entre nós dois que o pão do último gesto

sustenta a fome enorme. A alma anda tonta
e quer ceder, deixar -se, ah, a alma quer
o relâmpago — ou venha o que vier!

II

Mas que venha depressa, sem demora,
sem mais o tique-taque na cabeça,
o tufão na garganta, o arremesso
em vão do corpo todo, hora após hora,

como se a eternidade fosse o preço
e o prêmio a pac iênci a... Como fora
a espera suficiente! Vem depressa.
Vem, chega sem aviso, vem de fora

ou vem de dentro, mas depressa. Vem!
Vem, porque a alma é fraca e a carne é forte,
inutilmente forte e já ninguém

agüenta mais, atado a esse vaivém
de esperar e esperar. Quem sabe a morte,
quem sabe O prometido, O que já vem...

86 *VELHOS PAPÉIS*

Só mesmo um quase-nada,
a palidez da tinta
na folha amarelada,
confessa que são trinta,

são trinta anos hoje
desde uma certa tarde,
desde o dia covarde
em que, como quem foge

do nada no vazio,
cerquei-me das paredes

deste lugar tão frio.
Ah, mas se as velhas sedes

envelhecessem assim,
eu não me queixaria
do tempo nem do dia
em que saí de mim

e entrei por este cofre
adentro! Mas que nada,
a folha amarelada
não recorda, não sofre,

como a tinta não chora,
desbotada mas seca.
Que dizer da boneca
que aos poucos foi-se embora?

87 *A ANDORINHA*

Debateu-se, solitária,
entre paredes, compôs
e recompôs sua ária
desesperada, e depois

de muito sofrer, lutar,
dar de lado, dar de frente,
dar nas pedras, de repente
imobilizou-se o ar:

cansada de esvoaçar,
entregou-se àquele espaço.
Como o falcão no antebraço,
como a múmia milenar,

mantinha os olhos cerrados;
se tinha a intenção de ver
espaços insuspeitados
atrás desse anoitecer

que a alma imagina e sozinha
como intrépida percorre;
se os suspeitava e mantinha
a máscara do que morre,

a expressão de fixidez
do corpo que renuncia
a si mesmo e à luz do dia,
comovia-me: a mudez

daquele *não* que se impunha
reverberava-lhe em torno
como o sim da testemunha,
a confissão sem retorno.

Renunciara ao esforço,
fechava os olhos à luz
que lhe punha sobre o dorso,
sombra da g rade, uma cruz...

Durava imóvel, apática
no centro de seu quadrado
como a afirmação enfátic a
do seu *não* emparedado.

Quando lhe abri a janela
abriu os olhos: não era
a que entrara, era uma fera
que se devorara, aquela

que não sairia mais!
Tomei nas mãos a andorinha

com pena da pobrezinha
que não voltaria atrás

e soltei-a... Voltejou,
indecidida voltou-se,
doou-me um olhar mais doce
do que a doçura do vôo

e enfim desapareceu...
Fechei os olhos então,
fiz como ela e fui eu,
eu mesma minha prisão.

Interlúdio

O castelo interior
(1903-7)

Qui dabit mihi pennas sicut columbae,
et volabo et requiescam?

Salmos, 54:7

88

Como um diamante, um quartzo de cristal
radiante, o castelo que Teresa
evocou de maneira genial
segundo ela é a alma, a alma ilesa

vestida do esplendor da natureza
original, da limpidez do sal
a que o Cristo aludiu, dessa pureza
que antecede ou sucede todo mal.

O ser livre da mácula, Teresa
concebeu-lhe a visão como a um pombal
alvíssimo e afirmou que é a natureza

sensível que o habita, e é natural
que, havendo-o abandonado, com certeza
a ele retorne, exausta do irreal.

89

Segundo a santa é o corpo o habitante
do castelo da alma, que deserta
para entregar-se a um mundo inebriante.
Mas como ele deixara a porta aberta

ao partir, ele pensa a todo instante
que um dia voltará. E é coisa certa
que há de voltar, se aos poucos, ofegante
e incerto de encontrá-la ainda aberta.

Se a porta se fechasse não há chave
neste mundo capaz de a reabrir.
Mas naquele castelo vive O suave

zelador, ocupado em consentir
entrada ao corpo desertor e, ave
por av e, à revo ada que há de vir ...

90

E é assim que os sentidos vão chegando,
voltando devagar, esvoaçantes

em torno da mansão que havia antes
e talvez haja ainda... Como quando

as pálpebras caídas e os instantes
perdidos se confundem àquele bando
de asas mansas que aos poucos vão voltando.
E canta a luz que cai entre os diamantes

desertos e buscados, sobre as torres
de cristal desejadas, se distantes,
a que tentam tornar os desertores.

Pobres pombas chegando coruscantes
de saudade aos perdidos esplendores
do pombal tão igual ao que era dantes!

91

Porque se fácil fora abandoná-lo,
que difícil o ofício de voltar!
Com que dedicação há que escalar,
para habitá-lo, os graus desse castelo!

Para as pombas cansadas de esvoaçar
no engano cá de fora, o pesadelo
agora é vê-lo e não poder entrar ...
Porque será preciso conquistá-lo

outra vez e ir subindo: dos miasmas
do andar de baixo, onde se arrasta o réptil,
o corpo tropeçando em seus fantasmas,

à segunda mansão; do chão decrépito,
das náuseas do porão e dos abismos
sensíveis, ir subindo, rapto a rapto.

92

Mesmo assim, se alcançado, cada andar
tem perigos só seus, que o Tentador
agarra-se aos sentidos, vem propor
descidas deliciosas como o mar

em maré baixa, cheio do langor
e do embalo da volta. Mas voltar
é voltar ao princípio instaurador,
não é voltar atrás: se o corpo for

atrás de sombras perde-se, o momento
da subida se esvai e no acalanto
enganoso se afoga o pensamento.

Aqui há que nadar contra a corrente
do mar interior, que por enquanto
tudo é dilúvio e nada é permanente.

93

Mas se o exilado persevera e vence
o combate com o príncipe do exílio
sobe às mansões centrais, de maravilha
em maravilha e silêncio por silêncio.

Espera-o aquela fonte que borbulha
a inesgotável limpidez intensa,
mansa e prodigiosa, e folha a folha
vai despontando o páramo suspenso

que ocupa o alto como ocupa o centro,
entre as sete mansões e acima delas:
porque como a espiral ele é concêntrico

e ascendente, o castelo sem janelas
para fora, virado para dentro
como as coisas mais simples e mais belas.

94

E o peregrino aos poucos arremeda
em momentos humildes e minúsculos

o bicho dedicado a virar seda
e ir morrendo a si mesmo no casulo

do centro do castelo. E como a pedra
preciosa formando-se no útero
da montanha há de abrir-se e dar de súbito
o esplendor transformado, nele medra

o arco-íris secreto, descoberto
pela tormenta da metamorfose;
eis que ele é de repente aquela rosa

inesperada, a rosa-do-deserto,
cristal criado pela misteriosa
ventania do sopro do Arquiteto.

95

Mas a recém-nascida borboleta
não sabe onde pousar... E bate a asa
de um lado para o outro, irrequieta,
que tudo é espinho, cinza, urtiga, brasa,

e nada satisfaz a pobre seta
acordada a esvoaçar fora de casa!
Que uma vez entrevista aquela meta,
aquele alvo alvíssimo, essa asa,

esse dardo embriagado, não aceita
nada menos: o mundo não tem nada
sequer de parecido! E a insatisfeita

borboleteia cheia da saudade
dos inefáveis que provou, coitada!
Pequena espiga ansiosa da colheita...

96

"Ai de mim!", geme a alma, "que me muero
porque no muero! Ai corpo, ai meu atraso,
meu alguidar sombrio como um vaso
vazio, ai girassol no escuro, ai erro

da coisa separada por acaso,
desolação do barro no desterro
da ânfora partida! Ai desespero
de não acabar mais, como um ocaso

longo, cheio de sombras! Teus vazios'',
diz a alma a esse corpo renitente,
''simbiose dos meus, são como os rios

frios, intermináveis, e as correntes
que nos acorrentaram concebi-as
eu mesma, ai! ai de mim, somos idênticos... ''

97

E a mais sutil noção do mal espera
a alma e o corpo juntos e depara-
os prestes a atravessar a última sala
dos cumes inefáveis do castelo ...

Ali, na língua dúplice da fera,
o monstro diz aos dois que a gema rara
da união é ilusão; que a imaginá-la,
um híbrido de sonho e pesadelo

inventa aquele rapto; que o diálogo
do eterno e do sensível, sendo ambíguo,
é apenas um período de capítulo

no livro das delícias, cujo prólogo
é tão triste e ilusório quanto o epílogo
é fantasia, e o eterno um sonho frívolo...

98

Mas enfim habitado e habitante
são um só! Que esvaiu-se, foi-se embora
o mundo, e celebrado e celebrante
celebram-se um no outro: a alma incorpora

o fugitivo que no tempo afora
agora será dela. É que durante
a nota a flauta é dela, e o duo agora
transformou-se no trio triunfante

porque o Inefável quis unir-Se aos dois.
Desfazem-se castelo e castelão
por um toque da Mão que aos poucos foi-se

revelando, e eis que tudo é comunhão,
tudo perfeita música, e depois
da música a perene aparição!

99

Teresa fala da metamorfose
dos sentidos obtusos desde a Queda,
como de uma divina simbiose
com a criatura, o Seu bicho-da-seda

que de si mesmo vai compondo a casa

em que uma vez cumprido seu degredo,
ha de morrer; mas como morre a brasa,
que afinal era um resto, um arremedo

do lume triunfal, da chama inteira.
Do verme à borboleta, da faísca
à festa fervorosa da fogueira,

tudo é transformação, tudo se arrisca
pelo tudo. É na morte volitiva
que a santa quer que a criatura viva.

100

Difícil escutá-la e não segui-la
nessa estranha ascensão, nessa irmandade
da morte com a vida. Essa tranqüila
volição, tão afim da eternidade,

fica impossível quase não medi-la
pelo imenso que brilha além da grade
desgraçada do ser que se perfila
contra os altos ciprestes da saudade.

Santa Teresa é a grande tentadora,
a maior tentação, o último intento
a que tende a razão que vive dentro

dos casulos da vida cá de fora.
Difícil escapar-lhe ao pensamento,
não pensar, dispensar a pensadora...

101

Tudo aqui embaixo quer o que ela quis.
Toda alma quer fazer o que ela fez.

é desastroso ouvi-la que uma vez
ouvido tudo aquilo que ela diz

é impossível voltar a ser feliz,
ou infeliz, com a mesma insensatez
de antes. É possível, se talvez
perigoso demais, ser aprendiz

da morte nobre, voluntária e ávida,
que a santa expostulou na fortaleza
prodigiosa e interior, se árida

(como Castela) à débil natureza.
É possível tentar (mas como Ávila)
durar na altura (torturada e presa).

102

Durar no alto, arder, andar na altura
como o balão na noite de São João,
cada vez mais distante, duração
sempre mais duvidosa, se mais pura,

imitação da estr ela, adeus ao chão ...
O reflexo aqui embaixo, o que procura
à imagem a amorável união,
é instável, mal consegue ser figura,

um prisioneiro da figuração,
da ansiada, puríssima loucura
entre a luz e a impureza que é a ilusão.

Nos jardins deste mundo, onde a criatura
se descolore, é uma levitação,
mas de evap oração, que leva à altura ...

103

Se bem que o ser, seu breve malmequer
insistente e volátil, dando a mão
à imperfeição circunjacente, quer
permanecer plantado aqui, no andar

de baixo da existência, quer durar
interminavelmente onde estiver,
como puder, entre a evasão do ar
e a âncora da terra, sem morrer,

sem ser quem é, sonhando-se quimera.
A frágil flor carnal se agarra à terra
e aos poucos esquecida do que era,

sonha-se uma estação que perpetuasse
a impermanência, um véu mentido, a gaze
do espectro que um fantasma desposas se...

104

O ser não quer morrer; o ser elástico
como a dor, como o sonho, é projetado
a um labirinto efêmero voltado
para a alucinação, para o fantástico

castelo do ideal, mal-assombrado...
Perambulando nesse vácuo, trágico
porque tudo o que toca toca o lado
do abismo, o ser, conjuração de mágico

nos vazios do palco sem platéia,
sempre desconsolado e delirante,
substituindo o mundo pela idéia,

não quer ser o que é, quer ser o instante
que imagina e compõe, a estranha teia
em que delira a aranha agonizante.

105

Celebrar este mundo adivinhando
a incurável leveza, a inabalável
certeza do esplendor interminável
da luz de Deus, aurora ruminando

para sempre a quietude do imutável.
Somos reflexos dessa luz, um bando
de flamingos ardendo, misturando-
se ao sol nascente, ao inimaginável

incêndio indescritível, todo asas,
todo luz ... Somos f eito s como bras as
abrindo o vôo, somos como o vôo

dos flaming os em bras a ao oriente ...
E nunca h á de apagar-se aqu ele ardente
sol perfeito que neles se espelhou.

106

Teresa encarcerada em seu castelo,
na sétima mansão, lívida e nua
sob o suor de sangue que a alma sua.
Teresa enf eitiçada pel' O belo

Sedutor do infinito , como a lua

pelo sol. No silêncio do Carmelo
Teresa como o grito do martelo
nos cravos da Paixão. Lá fora a rua,

a ladeira de pedra, leva à praça
e a praça à poeira de Castela
e a poeira, no vento, à dor da raça.

A raça, como a concha, leva a pérola,
e eis a pérola raptada (pela graça)
àquela raça tão igual a ela...

107

Teresa e a limpidez da fortaleza.
Teresa e nós, parceiros na saudade
(provisória) de Deus. Que a coisa presa
ao provisório quer a eternidade,

saudosa de esvair-se, claridade
que tende a evaporar-se na leveza.
Somos todos parentes de Teresa,
todos os cidadãos dessa cidade

ideal do real, porque a beleza
neste mundo é arremedo da verdade.
Teresa, a pioneira da pureza

que é a tradução de tudo em nós, é alcaide
da cidade-fortim que por bondade
de Deus habitaremos com certeza.

108

Não saberei, Senhor, se era possível
evitar o degredo ensimesmado,

se ao coração sedento de invisível
e cedo emparedado em seu quadrado

de febre, de impureza e de impossível,
fora talvez possível, por um lado,
escapar à masmorra ou preferível,
por outro, haver crescido encarcerado.

Sei que duro é o exílio e que difícil
a arte de, nos pulsos tendo algemas,
escalar pedra a pedra o precipício.

Sei quanto é frio o fogo em que nos queimas,
que renitente a lenha e quão propício
teu cadafalso às almas mais extremas!

109

Não permitas, Senhor, que a minha carne
se confunda outra vez e eu me atrapalhe
e caia como cartas de baralho
o castelo em que entrei para salvar-me.

Teresa castelã, valha o que valha
o meu fervor, o meu fragor de armas,
sustentai-me, rogai que eu não desarme,
que não se apague o fogo meu, de palha,

talvez, mas seja palha de fogueira.
Fogo de auto-da-fé, se necessário,
mas fogo irrevogável, se primeiro

hei de arder que entregar-me ao ilusório.
E se hei de merecer algum martírio
tanto mais duro quanto o assédio é sério.

Última parte

No carmim da tarde

(1909-27)

In Warheit Singen, ist ein andrer Hauch.
Ein Hauch um Nichts. Ein Wehn in Gott.
[Ein Wind.

Rainer Maria Rilke

110 *NO CARMIM DA TARDE*

Mudei três vezes de cela;
três vezes o entardecer,
sua fogueira amarela
que dança em vez de morrer,
vinha despedir-se dela,
da freira fujona! E ao ver
a bailarina singela
persegui-la assim, tão bela

quanto breve, a cor do ser
que se desfaz, a aquarela
pálida como o prazer
de quase não ser, aquela
que não queria viver

nem morrer, subitamente
deliqüescia, aceitava
a corte do sol cadente...
Quando me certificava
de que o ocaso iminente,

sem nuvem alguma, andava
preparando aquela lava
luminosa e decadente
para ofertar-me-la, urgente
como a coisa que se acaba,
corria imediatamente

à minha cela e sentava-
me ante a janela, de frente...

Havia uma afinidade
dramática e natural
entre nós, entre o final
deliqüescente da tarde
e a sombra sentimental
de mim mesma; eu por covarde,
a luz por setentrional,
cada qual uma metade,
o eco da outra... O alarde
da visitante formal
partindo-se ante uma grade,
losangulando a vestal
que rápida se despia
para espelhar-lhe a nudez,
se tinha a melancolia
dos desenlaces, talvez
insinuasse uma alegria
que eu reconhecia... Três,
três celas e cada vez
a visitante batia-
me à janela, tão cortês
quanto pontual e fria.
A audiência com meus reis
abdicados, a orgia
do sol como timidez...

III *A VIDA BOA*

Tenho apenas um maço
de horas velhas, passadas
a ferro na saudade
e cada dia mais amarfanhadas,
dependuradas à cumplicidade

das velhas, passo a passo
no pátio, uma no braço
da outra, a intimidade
das sombras amparadas
umas às outras rumo à eternidade.

Como na mão de Deus, os nossos trapos,
quase humanos às vezes,
incham-se aqui também, enchem os papos
de sons quase tranqüilos, como as reses
no pasto, como os sapos
no pantanal lá fora ... E como deuses
seminus, esses lúgubres farrapos
animam-se três meses
ao ano, ao sol, corteses,
alegres quase, frágeis jenipapos

envolt os pela gaze do Verã o...

Minhas horas alegre s! Na alegria
processional de um dia
igual ao outro, enroladinhos vão
os meus frutos baratos da emoção,
amontoando-se na confraria
das coisas sem razão
de brilharem na brisa que amacia
um pouco o coração.
Estranha procissão! E quem diria

que eu me distrairia assim, à toa,

olhando as andorinhas,
os pardais, o vaivém das florezinhas
nos beirais, no canteiro que amontoa
as cores, na garoa
que só se vê cair por entre as vinhas...
A vida quase boa!
Não fossem aquelas minhas

assombrações por entre a pétala que voa,
a luz que passa e as linhas

do hor izonte fugi ndo mais e mais ...
A vida boa, a intimação da vida
como teria sido se um rapaz
não houvesse partido atrás da lida,
da intimação da coisa proibida,
das coisas colossais
que brilham por detrás
de cada despedida.
É uma vaga ferida
aqui, a vida boa dos casais.

112 *CALMARIA*

Não fosse em tempo assim de calmaria,
não fosse nessa ausência, nesse vento
que não vem, se não fosse este momento,
este momento cheio de agonia,

não fosse aquela brisa, aquele lento
afago, ah, se não fosse por Maria,
se não fosse por ela quem teria
paciência com tanto adiamento?

Se não fosse por ela, se não fosse
pelo que ela agüentou, pela alegria
que ela embalou perplexa, que ela trouxe

em si e deu à luz e um belo dia
devolveu ao Senhor ... Se a espera é doc e
é por causa da calma de Maria.

113 *CIVITAS DEI*

Ó cidade de Deus, Santo Agostinho
ao identificar-te com Maria
descreveu-te tão bem! Cidade-ninho,
ponto final da longa romaria.

Ó cidade-Maria, eu não sabia
que eras tu a paisagem, o caminho
e a chegada! Eu pensava andar sozinha
e pisava n o manto de Maria ...

Manto tão evidente e tão pobrinho,
cidade transparente em que eu vivia
sem saber! Sabe Deus que estranha vinha

me embebedou de enganos, eu não via
a cidade em que andava! Uma andorinha,
um pard al sabem mais do que eu sabia ...

114 *ENTDECKUNG*

Madalena, estou de volta,
outra vez à tua porta!
A descabelada, a morta
de dor, e a mulher que solta

o grit o que muda a História ...
— *Raboni!* — gritaste, e o mundo

ficou sabendo da glória
que não se enterra no fundo

de uma caverna qualquer.
Passaram-se vários séculos
e outro grito de mulher
não s acudiu nada ... Os ecos

do teu e do meu vão juntos
e na mesma direção;
dois gritos: o meu em vão,
o teu não. Nossos defuntos

misturaram-se tão pouco
na minha imaginação,
que o meu foi um grito rouco,
louco de dor, sem razão

de acordar do seu delírio.
É talvez que a diferença
entre o grito de quem pensa
que não merece um martírio,

e o grito que faz da dor
o trampolim do invisível,
reside toda no amor
como resgate, o impossível

como aceitação do instante,
seja lá o que trouxer.
O inconcebível diante
de um coração de mulher

pode vir a revelar-se
como um dom total, perfeito.
Por muito que doa, o peito
pode rasgar seu disfarce,

e esta vida é fantasia.
Desculpa-me, Madalena,
mas então eu não sabia
que tudo valia a pena,

que a pena vale a alegria.

II

E assim foi, Madalena,
que eu hoje fui ao portão,
olhei a rua, a pequena
ladeira, as pedras do chão,

as coisas... Fiquei olhando
dos altos deste meu cume
tão empedernido , e quando
senti que o velho perfume

do ciúme vinha vindo
como sempre vinha, preto
como um urubu abrindo
o vôo, meu *vade-retro*

não foi apenas sincero,
foi natural e eficaz!
Há anos vivo detrás
de um velho portão severo,

o espectro espreitando a vida
com os olhos de uma espiã;
no entanto, hoje de manhã,
ao soltar nessa subida

de pedra familiar
e cheia de burburinho
os restos daquele olhar,

vi o ar, o passarinho,

a carroça do leiteiro,
o burro tão sonolento
quanto o dono, e até o cheiro
da madressilva no vento!

Vi cada coisa e a figura
que me passava diante,
mas não vi tudo distante:
vi a dor da criatura,

a monótona esperança,
a difícil alegria,
a lida de cada dia,
a correria, a criança

que não tive mas é minha
como é meu este lugar,
esta ladeira no ar,
esta sensação mesquinha

de ser outra, de anda r fora...
Vi tudo aquilo talvez
a primeira e única vez
não como quem vai embora,

mas como quem chega perto,
perto d e tudo, q uem sabe...
Madalena, a vida cabe
toda num olhar desperto,

inteira numa visão!
O que viste uma manhã
e o que viu esta espiã
foi o mesmo, o coração.

— *Rabonì!* — gritei, e então
Ele brindou-me o sorriso
que abre os braços e o portão,
a entrad a do Paraí so...

Não, não foi uma ilusão.

III

A vida, como a fumaça,
dá voltas buscando o céu;
é a lenha apenas que passa,
acaba aquilo que ardeu,

a cinza, a casca e o vulto,
que tinham toda a razão
em arder, rolar no chão
e sumir no ar... O fruto

como a folha da parreira
e a evaporação constante
do que é lenha de fogueira,
ficam atrás, mas diante

dessa desaparição
surge a espécie de resumo,
como um aroma do sumo,
o fumo do coraç ão...

A terra é muito pequena,
muito estreita para ser
mais que um palco, Madalena.
Vai caindo o entardecer

como cai cada cortina
depois do último ato,
mas quando o drama barato,

quando a opereta termina,

reaparecem os atores;
que a platéia bata palmas
ou vaie tudo, os amores,
as dores daquelas almas,

tudo confusões do enredo,
deixam-se ver como são.
Que susto a ressurreição!
A volta cheia do medo

da condena ção, da vaia...
Cada qual com sua parte,
pura *commedia dell'arte,*
antes que o público saia

e se esvazie o teatro
vai voltando, e vai tremendo...
Será o papel mais horrendo,
mais temido do contrato,

essa *coda* incompreensível,
o epílogo da aventura...
Caberia à criatura,
por exótica ou incrível,

enfrentar um tal desfecho
com o que reste da esperança?
O meu sonho de criança
não incluía esse trecho

da comédia, esse final
da ópera sem remédio,
a repetição do tédio
de haver sido, bem ou mal...

Nunca me entendi contigo
porque insistias, dizias,
gritavas à luz dos dias
que o perigo, que o perigo

de aparecer outra vez
era uma realidade!

No entanto a mortalidade
é um consolo, uma altivez,

e aquela tua insistência,
a tua boa notícia,
perturbava-me a existência,
fosse criança, noviça,

amante, rebelde, freira...
Hoje, ante a última cena
de uma vida sempre à beira
do vazio, Madalena,

minha indisciplinadora,
agora que aquele grito
me condena ao infinito,
que fazer? Como ir-me embora?

Vou dormir um sono aflito.

115 *DOIS OLHOS MANSOS*

Tentava muito explicar-Te
(com medo de que o entendesses)
a sabedoria desses
meus desesperos ... A arte

de sofrer, que me ensinaste
com os espinhos da coroa,

os cravos, a dor que voa
como a pétala da haste,

para cima, para o escuro
ou para o azul lá no alto,
me enchia de sobressalto
o peito, o peito tão duro!

Me explicava sem descanso
e Tu, que tudo entendias,
me enterravas noite e dia
na chaga dois olhos mansos.

116 *PASSAGE A NIVEAU*

É Deus que nos sustém,
tudo vem Dele: a fé
parece nossa e é
um dom Dele também.

É o Seu sopro que vem
murmurar-nos ao pé
do velho ouvido até
que nos acorda, um bem,

um dom quase inaudível,
não fosse caricioso,
persuasão de esposo...

Como a brisa invisível,
toca-nos, troca o nível
do ser, da dor, do gozo...

117 *SAINT-LOUIS DE MONFORT*

Diz São Luís Maria de Monfort
que a Criação *in divinis* foi um jogo,
ou algo assim, diz o santo no Prólogo
do *Amour de la sagesse*. Mas se for

noutra parte, por exemplo, no Epílogo,
paciência, não sei tudo de cor;

observe-se, aliás, que ele é teólogo
além de santo, e escreve bem melhor.

Mas voltemos à imagem: e eis que Deus
brincando fa z o mundo... Que dizer?
Aprovo ou não aprovo? Dá que deu-se

o palco por criado, o por-fazer
foi se fazendo e Caim mata Ab el...
Brincadeira tem graça, mas no céu.

II

São Luís de Monfort pousou o dedo
no enigma de maneira delicada
e o que disse me agrada: aceito o nada
ou aceito que Deus, não sendo grego,

pode e deve brincar. Tudo é segredo,
mas eis que a mão de Deus, contaminada
de onipotência, faz madrugada
e nela põe o mundo, Seu brinquedo.

Pura energia da necessidade
incoercível do divino, tudo
coisificado pela liberdade

vital, o ser total como ser lúdico.
E por que não? Viva o primeiro alvor!

Viva São Luís Maria de Monfort!

118 *RECLUSE ATTE NORWYCHE*

Já a reclusa Juliana diz que Deus
é nossa mãe; que não por ser o Pai,
o Filho e o Santo Espírito, Ele vai
deixar de ser por isso o que, nos seus

(de Juliana) cálculos dos véus
adivinhados, é totalidade,
portan to materna l també m... Quem há de
desdizer a beata se nos céus

há lugar para mais que um só mistério?
E nem fica a Santíssima Trindade
um quadrado por isso, o empíreo é etéreo

e multiforme, e se a pluralidade
de Deus é una, mãe só temos três:
mamãe, Maria e Deus, tudo de vez!

II

E até vai ve r que é ... Falando s ério:
Juliana não diz que Deus é fêmea
ou andrógino, diz que Ele é mistério,
e que tais distinções cabem no efêmero,

em Deus é que não cabem: nesse extremo

qualquer categoria do precário
é precária, e ela diz que o que entendemos
do eterno é tradução feita no vário

daquilo que é unidade, e tem razão!
Além de ter tremenda inteligência
de quanto diz respeito à perfeição.

A reclusa viveu a contingência
e a visão com perfeita lucidez.
Nós é que vemos como vê o inglês...

III

A inglesa do século catorze
enobreceu um século xereta
com a autoridade de um anacoreta;
curvou o arco da razão e trouxe

à criatura a distinção da seta:
puro vôo na altura, que só fosse
subindo. E por subir tão alto e pôr-se
continuamente à altura só da meta

metafísica, humilde e generosa,
a beata implodiu e deparou-se
com Deus descendo ... A colisão da rosa

centrífuga e do ourives centripétalo,
a perfeita união... Que ela repouse
em Deus, depois de iluminar seu século.

119 *VAGA-LUMES*

Olho três vaga-lumes
numa ressurreição

contínua, com o ciúme
do humano coração

que, se abandona o chão,
sobe como os perfumes,
os brilhos da estação,
tem um velho costume:

apaga-se de vez.
Mas quem sabe talvez
o meu me surpreenda,

talvez perfure a venda
mortal, como esses três
holof otes de lenda...

120 *O DUO DOLOROSO*

Porque o olho é a lâmpada do corpo
e a janela da alma, a alma vê
só o que ele ilumina neste horto
nem dela nem do corpo. E como a lei

do visível limita e o prazo é curto,
o corpo vive à míngua e à mercê
da alma incontentada e pouco a pouco
perde o contentamento ele também.

Não que a luz vá baixando: a luz, o sopro
perene do invisível, porque vêm
da origem, desde sempre, do absorto

absoluto original, não têm
como falhar ao corpo, nem por quê.
Mas a alma obscurece a luz do corpo.

II

A alma vive à míngua de esplendores
que presume perdidos. A alma vem
de tão longe sozinha que não vê
senão separação e exílio, as torres

longínquas da cidade que perdeu.
A alma anda doente e seus doutores,
contraditórios em que pese a lei
das virtudes angélicas, das cortes

celestiais e anônimas, não têm
nem o elixir melhor nem os piores:
a alma tem o corpo e mais ninguém.

E o dueto persiste e os contrafortes
do corpo vão cedendo, e a alma também,
e um dia o duo doloroso morre.

III

Cada vez mais esquiva lhes parece
cada nova visão, que às vezes vem
e às vezes não, mas sempre os entontece
e desaponta porque nunca têm

as mãos tranqüilas como as têm na prece.
Se o corpo dói então é porque além
da saudade em que vive desconhece
o lugar da chegada e, como quem

sonha voltar atrás, se compadece
de si mesmo e de tudo; se também
sente-se mal a alma, é porque desse

a outro rapto qualquer, nada é seu bem,
e é imenso o seu desejo e o que aparece
parece-lhe incompleto e é tudo aquém.

IV

E assim pouco a pouco desfalece
o corpo nessa terra de ninguém
onde a alma é passageira e não convém
demorar-se por ela ... Como desce

o sol que alonga a sombra, o corpo tem
que ir desaparecendo até que cesse
não o esplendor que ele atravessa, ou esse
ou aquele delírio: até que nem

desejo, nem doçura, nem desdém,
e nem sequer o mundo que esmorece,
enfim lhe importem mais. Que agora, e sem

noção nenhuma do que já não tem,
eis que afinal o duo reconhece
como um vazio o seu perdido bem.

V

Difícil o vazio. Mais difícil
entre as quatro paredes do intelecto.
Ali, entre os sentidos, sob o teto
e o solo onde começa o precipício,

o vôo, impertinente, tinha início
a todo instante e nunca era direto,

era oblíquo: ora o gozo era suplício,
ora o suplício mesmo era direto ...

O abismo era metódico, seu método
audaz, mas um se foi e outro esvaiu-se
como mais um suspiro sem remédio.

Já o vazio, o mais límpido exercício,
era um puro palá cio arit méti co...
Mas e a vida? Ah, a vida era esse vício!

VI

Como os prismas da neve, como o sal
estéril e puríssimo, o vazio
atravessado pelo raio frio
do intelecto era grave, era um cristal

irredutível, por primordial:
soma total de todo desvario.
Sob as levitações que sobre um fio
atravessando o abismo do ideal

a mente ia cumprindo em seu desvio
passional e patético, esse umbral
inconsútil do eterno, esse vazio

celebrado e buscado, mas igual
a nada neste mundo, como um rio
impa ssível pass ava, e era imortal. ..

VII

Ah, poder construir nessa esplanada
a calma inaugural e necessária,

saber deixar a solidão, que é vária,
pelas delícias límpidas do nada!

E ali deixar-se estar, sombra precária
e breve da perdida madrugada,
onde o vulto de Deus, brandindo a espada,
corta o horizonte em dois e a mortuária

máscara usual de tudo empalidece...
Saber viver nessa imobilidade e
instantânea e perene, e viver desse

pânico branco e alado, a eternidade
como um vazio puro que aparece...
Ah, viver dela enquanto desce a tarde!

VIII

Enquanto a tarde cai, cair com ela,
mas nesse colo frio e imperman ente;
nesse vazio provisório e urgente
deitar-se como o abismo sobre a pérola

e, abandonado como ele nela ,
deixar-se resvalar pela corrente
imensa do vazio, imensamente.
E deixar-se embalar à luz daquela

imensidão que treme como a mecha,
ir desaparecendo como a vela
e, corola de chama que se fecha,

deixar de ser ... Ir contornando aquela
idéia, a de Zenão de Eléia, bela
por inútil: o arqueiro sem a flecha ...

IX

Essa proposição, esse algarismo
perfeitamente ímpar, o perfeito,
o prisma aprisionado pelo peito
mas prometido a atravessar o abismo,

a noite deste mundo, o pontilhismo
trágico desta vida em que o eleito
nada tem a fazer porque foi feito
para escapar-lhe; o belo imobilismo

desse sonho cruel como tirânico,
é uma mentira e uma contradição:
mente quando propõe como noção

do mundo, do real, algo satânico,
e contradiz-se ao fazer do epifânico,
da aparição do ser, uma ilusão.

X

Quanto ao peso da História, à Cruz, à dor,
ao chamado do Cristo à conversão
como portal da realidade, não
chegam nunca a ocupar o sonhador

que exilou Deus e homem, Criador
e criatura, os pólos da união
impossível, segundo essa ilusão,
no mundo como tal... E se não for

numa abdicação sem alegria
(dizem-nos), as metades da ilusória
separação do duo sem História

jamais se alcançarão. A idolatria,
qualquer que seja, odeia o aqui e o agora,
o *hic et nunc* e o Filho de Mari a...

121 *A LIÇÃO*

Venho dar-te a lição
que ainda te faz falta,
meu velho coração,
a que me sobressalta
desde que de um portão

olhei uma ladeira,
aquela inclinação
de pedra que uma freira
esquadrinhava em vão
e de repente, à beira

do mesmo precipício,
foi dar de supetão
com um rosto tão difícil
de descrever, que não
quero cair no vício

da frase mentirosa
porque bela. A visão,
mais que o Espectro da Rosa,
furta-se à descrição,
é tão misteriosa,

tão luminosa e tão
diferente do medo,
da dor, da solidão,
que talvez seja cedo

para que esse segredo

te alcance, ó coração
que vives da mentira.
No entanto eis a lição:
quando a alma delira
e o corpo tira a tira

rasga-se de emoção,
ainda não se viu nada;
é só quando a alvorada
cai-nos do céu na mão,
que a alma sobressaltada

acorda, ó meu irmão.
Desde aquela manhã
tomei-te pela mão,
coração que uma vã
conjuração malsã

engravidou de versos.
Convido-te à ascensão
dos puros universos
do amor, meu coração,
que ritmos perversos,

as músicas do ser,
encher am de ilusão.
Quando te surpreender
aquela aparição,
quando esse amanhecer

mais pleno e radioso
que a mesma insolação
conduzir-te ao Esposo,
ah, que revolução!
A embriaguez, o gozo

a que te habituaste
são como um paredão
contigo atrás, um traste
cheio de indecisão.
Mas como a flor na haste

acaba por crescer
e abrir-se, essa visão
do amor, de seu prazer
feito revelação,
algum dia há de ser

também tua lição.

122 *EXTRAÍDO A UMA CARTA*

Não é bem que *prefira* o amor de Deus: quem prova
não tem escolha ... Quem jamais sentou-se à mesa
dos divinos deleites, espera-o uma surpresa
tumultuosa! Até às vésperas da cova

a alma se renova. Eu li Santa Teresa
e por graça de Deus decidi pôr à prova
tudo o que ela dizia: pois de susto a incerteza
lá fui de embalo em êxtase... E a coisa é sempre nova,

o amor de Deus crucificado e ressurreto
é sem comparação! Do sonho mais dileto
à mais fina delícia nada aqui se compara

ao toque dessa mão no coração que pára
e quando recomeça a bater bate no teto,
ao ritmo de harmonias que jamais suspeitara!

123 *A CESTA DE LUZ*

Não, a morte no convento
nem sempre é uma assombração,
um tumulto, um pé-de-vento;
a morte-padecimento
e a morte-evaporação

algumas vezes se juntam.
Quando a Priora morreu,

como resposta a perguntas
irrespondíveis o céu
apiedou-se da defunta

gradual e foi -se abrindo,
a derradeira corola
de luz num canteiro infindo:

era o fim de um dia lindo
e as nuvens jogavam a bola

rosada do sol fulgente
pelo ar, aos quatro ventos,
e enquanto isso a doente
brilhava à luz de um poente
que rasgava os lenços lentos

manchados de hemorragia;
luzia sem inflamar-se,
levantava-se e soerguia

o leito, o quarto, a agonia,
a freira virando ga rça...

Morreu subindo ao sol-posto
a carmelita descalça,
a cesta de luz do rosto
levitando, o peso posto
na Mão que lhe ergu ia a alça ...

124 *O BICHO-PAPÃO*

Tenho medo da emoção,
mas tenho mais medo ainda
da alma, essa assombração
que depois que o corpo finda,

mais feia ainda, ou mais linda,
enfrenta a ressurreição.

Tenho medo da ilusão,
da brincadeira que brinda

buquês fantasmais na mão
de espectros que vivem à míngua
de palavras, do que a língua

diz como consola ção...
Mas tenho mais medo ainda
da última aparição!

125 *CRENÇAS*

Pouco importa o que pensa
que crê uma pessoa,
porque enfim uma crença
é só uma idéia boa,

por correta que seja
é uma noção, e a vida
é um vaivém: volta e ida,
de cemitério a igreja,

de altar a mortuário,
é uma reviravolta
a vida ... A folha solta,
o som do campanário,

volteiam, vão e vêm,
pendurem-se no ar,
e acabam no lugar
que afinal lhes convém.

Minha vida não teve
como acontecimento

o que o meu pensamento
determinou: foi breve,

foi leve como a flor
arrancada do solo
e jogada no colo
de mármore da dor.

Tive a paixão de crer
e a crença da paixão,
vivi na indecisão
que determina o ser

e, quanto a algum conselho
a legar assim tarde,
eu, um ícono velho ,
uma pobre covarde,

à futura heroína
que interroga sse a antiga,
não sei o que lhe diga.
Que tudo é uma cortina?

Que a existência é mistério?
Qualquer que seja a sorte,
o assunto mais sério
não é a vida, é a morte

feita interrogação:
existe ou não existe

a última apa rição
que torna tudo triste,

tudo semivazio?
Há um só consolador
num labirinto frio
como a vida, o amor,

mas amor feito dádiva,
supremo dom da vida.
Só que a esmola é tão ávida
quanto a mão estendida ...

126 *O AMADOR DE SERPENTES*

O ser é uma canção por Deus cantada,
e existe unicamente porque a canta
e canta e canta a voz dessa garganta
imemorial: e voltaria ao nada

se acaso interrompida na calada
da noite universal a sacrossanta
garganta emudecesse. Ah, canto, canto,
frase que te imaginas separada

da voz que te proclama e pronuncia,
enlouqueceste e, como uma espiral
demente, uma serpente na agonia,

negas que és duração e movimento
dessa voz infinita e musical,
tu, o hálito mesmo desse alento!

II

Ah, canta, canta a mal-agradecida
canção que se reclama emancipada,
como se a grande festa colorida
não fosse justamente uma alvorada

vinda toda de cima: o todo em cada
palheta detalhada e enternecida

de Deus... Como se cada pincelada
não fosse unicamente, como a vida,

dom do dedo de Deus no multicor,
prodigioso teto da capela
prevista: o alto arremesso do esplendor,

o ser transbordamento da mais bela
cornucópia, a do instante criador,
canção, canção subindo estrela a estrela...

III

E tal um longo afresco pela abóbada
universal, continuamente ecoa
a solene canção que nunca é toda
cantada, que só dura enquanto voa,

e vai mais alto e mais além e aborda
o infinito fugaz como se fora
ela só o rebento dessa boda
da imanência de Deus com a luz lá fora.

No ar, no som, no reino aqui de baixo,
se um tão frágil prodígio se contempla
descobre-se na voz que o põe no espaço

e que o sustém no tempo: por exemplo,
quando acode à notinha que do alto

começa a resvalar, anda tremendo...

IV

Se os cabelos de ofídio da Medusa
mordessem-na... Mas não: aquelas cobras,

doido aco rde de negras semifusas,
sabem que fazem parte dessa obra,

a obra-prima do mal que o sonho usa
para enredar-se, confundir-se às dobras
sinuosa s, sem Deus... T udo o que s obra
do ser que nega o ser é uma recusa.

Ó enigma da paixão que se apaixona
por si mesma! Ó absurda marafona
nostálg ica do eclip se na obscena

obsessão da negação do nexo!
Que volúpia se nutre desse amplexo
em que o imenso, amputado, se ape quena?

127 *DUALIDADES*

Não é Deus o problema.
A humana confusão
nasce da velha teima
da alma com o coração
(ou vice-versa) e o tema
não tem res olução
enquanto for dilema.

Um corpo e um espírito
que se debatem em vão
um contra o outro, não
separam o infinito
e o instante senão
segundo o velho mit o
da humana divisão.

Nossa dualidade
axiomática, o pão

da falsa refeição
em que tudo é metade,
é uma irrealidade.
Somos um todo. A mão
que busca a eternidade

e o eterno que se inclina
para encontrá-la, são
um só, um não termina
onde começa o vão
esforço da cortina
para alçar-se do chão:
a comédia é divina

por ser a encenatura
de um drama em que a paixão,
a dor da criatura
e sua redenção,
atravessam a obscura
ponte-separação,
fazem do mal a cura...

Quando nos debatemos
numa irresolução
entre pólos extremos,
resta que a inclinação
insistente de remos
opostos, um na mão,
um no ar, como gêmeos

dissemelhantes, mas
unidos em razão
de uma paixão que faz
do esforço a solução,
resta que essa voraz,
grave equivocação,
deifica o fugaz

e retarda a ascensão
rumo à única meta.
Somos irmãos da seta,
buscamos a amplidão.
E, se a alma é concreta,
tudo é evaporação
insistente, secreta

e enfim irreprimível!
Vamos aonde vão
todos na multidão
à procura do nível,
a predestinação
de tudo é o invisível.
Movemo-nos na mão

de um ritmo contínuo:
recapitulação
do humano no divino,
somos a dispersão
dos gemidos do sino
escalando a amplidão,
o som sempre mais fino,

mais sutil, mais repleto
daquela oscilação
do vôo, que é direto
em si, mas que em função
deste mundo inquieto
é cheio de ilusão.

Como o branco no preto,

a reverberação
entre a ausência de cor
e a excessiva união
de todas, faz supor
uma dissolução

contraditória, o alvor
do amor na negação.

Mas ao fim da lição
nem Deus era o problema
nem era a solução:
não havia o dilema!

Era ilusão a teima
do ser, sua prisão
uma má-criação...

Que se a dor era o estrume,
o humano coração
é mortal como o grão,
não como o vaga-lume,
e sua vocação
é preparar o lume,
a espiga, a erupção

triunfal de um futuro
sem num corpo impuro
sem frutificação,
mas fiz uma canção,
uns desenhos no escuro,
como as heras no muro
vão subindo do chão.

Entendo que não são
duas coisas idênticas,
mas são gêmeas: canção
e hera são concêntricas,
uma e outra a explosão
da terra, o coração
do eterno: uma o adentra

enquanto a outra o concentra,
mas enfim tudo canta!

É tudo um eco, um vão
aberto entre a garganta
e uma sublimação,
uma ânsia de planta
que se alcança: a canção

é o grão que se levanta.

128 *BELÉM*

E súbito ao ombro
de reis e pastores
pousa a mão do assombro;
pelos arredores
a invernada, as cores
da estação silente.

Depois do deserto,
como a voz do sino
no silêncio aberto,
como o cristalino
reflexo da estrela
nas mãos do menino,
tudo se constela:

o cometa e o canto
do burro e do boi,
o anjo e o acalanto
da que é mãe e filha,

mais a maravilha
cercada do manto
em que a carne foi

rasgada e refeita.
Paira a madrugada
primeira e perfeita

em que tudo nasce
junto à revelada,
pequenina face
que José cobria

de melancolia.

129 *O PADRASTO*

O que não foi pai
porque teve um filho
e ensinou-Lhe o ofício
de carpinteiro;
José, o que vai
perfilhar o exílio
e suster-Lhe os passos
rumo ao precipício;
o obscuro obreiro
dos lenhos do mundo,
a guardar nos braço s
o pequeno orvalho
como um seu trabalho.
Por causa da graça,
por causa do amor,
calado José
obedece ao Pai
e inclinando a taça
bebe-a até o fundo,
solitário vai

sorvendo o licor
que lhe coube, até
que o sangue da graça
transborde da taça,
transfigure o mundo.

130 *A ÚNICA*

Maria, a do lenço
cheio de soluços,
a avena de bruços
sobre a cantilena
do mistério, o seio
branco do arco-íris
cercado de imenso,
a asa do barco
na tormenta, o meio
da lágrima, a chaga
que por tão serena
mão nenhuma afaga.
Maria, ou o exílio
da maternidade,
filha de seu Filho,
mãe da eternidade,

do berço deserto,
do túmulo aberto,
da ressurreição.
Maria, a que ensina
a perda e o perdão,
aquela que não
teve nunca um filho,
a virgem Maria,
a que o vento inclina
sob a luz do dia
solta na campina ...

131 *A OUTRA*

A que o povo chama
de Madalena,
a dos pés na lama,
pálpebras em chama
e olhos de falena;
a doce, a pequena
faísca na cama

de ferro do amor
dos outros; a asa
do tição, da brasa,
comensal da casa
da miséria ... A flor
do vaso que vaza
vê o pescador

e deita os novelos
da dor a Seus pés:
desata os cabelos,
espalha os anéis
ali mesmo e, ao vê-los
no chão, de joelhos
lava-Lhe os pés...

132 *O SUMIÇO*

José carpinteiro
e a cheia de graça
procuram primeiro
na rua, na praça...
Onde anda o menino?
Fato sem exemplo,
perderam-no... Onde?

Maria das Dores,
olha que aos doutores
pergunta e responde!
Ah, tão pequenino
pregando no Templo!

133 *PEDRO*

Pedro pescador
das águas do mundo,
atrás do que via
e abraçava, um dia
ao jogar a rede
pouco mais ao fundo,
como por encanto
colheu outra sede,
e trocou de amor
como quem trocara
de ofício ou de manto.

Pedro desertor
das coisas do mundo,
para seu espanto
foi o traidor
sem culpa: soara
três vezes o canto
do galo e entretanto
Pedro atraiçoara,
três vezes aflito

entre o horror profundo
e o amor infinito.

134 *O CONVOCADO*

Vem, Lázaro, desce
do teu sono, vem
do fundo da gruta
sem fundo, caminha
sobre a erva daninha
deste mundo, escuta
o chamado triste
d'O que sabe bem
que a morte estremece
porque não existe.

135 *O REBANHO*

Vigiamos o berço
para que nada nasça,

semeamos os terço,
migalhas de fumaça

e um desvario amargo,
insultamos a dança,
desventramos o barco
e quando a noite avança

cuspimos sobre os mortos,
deitamo-nos na lama.
Imitamos os porcos,
e eis que o pastor nos ama!

136 *DOMINGO DE RAMOS*

No dorso do burro
como se da pomba,
às portas da sombra
da cidade O puro

peregrino chega:
cercado de palmas
e calma beleza,
chamando os fantasmas

à primeira mesa.
Chega a Primavera
e com ela chegam
o instante da fera

e o grito da ave

da ressurreição.
Bem-vindo à cidade
dos mortos, irmão.

137 *NO HORTO*

Se fosse o corpo
só o que pensas
que o corpo é,
não estarias
subindo a pé

por este horto,
não seguiria só
um peso morto
na noite densa.

Se a alma fosse
a prisioneira

que te imaginas,
à sombra doce
das oliveiras,
pelas colinas
deste jardim,
tu não virias
atrás de mim.

Iscariotes,
tu sabes bem
que não há morte
para ninguém,
que as agonias
da indecisão,
tão tuas, são
como as cegueiras,
más conselheiras
do coração...

138 *O BEIJO*

Aproveito o ensejo
para dar um beijo
no Teu rosto,
o último beijo
do meu sol-posto.

Aproveito a hora
desoladora

da despedida
e beijo agora
a minha vida

desencontrada;
beijo o meu nada,
que já me acorda

de madrugada
com aquela co rda

na mão escura;
como a loucura,
como o alvoroço
que se pendura
pelo pescoço.

139 *A VERÔNICA*

Agora o suor
misturado aos cardos
e ao sangue, a antepor
como espesso véu
aos olhos vazados
pelos frios dardos
que lhes joga o céu.

Doce mão Lhe leva
água junto à boca
e o que bebe a treva
bebe aquela fresca
água santa e pouca;
muge a soldadesca
e o cortejo toca.
Mas ela chegara-
Lhe perto e enxugava-
Lhe o rosto suave

coberto da lava
do mundo: e ficara
no pano uma cara
de deus ou de ave.

140 *INRI*

A cabeça no centro,
aos espinhos entregue,
mas os olhos vendo
a noite que os cega.

O círculo que nega,
destrói a morte, entra-o
como numa visão:
na rendição aos ferros

enfim a redenção
da carne torturada.
A dor como a canção
do sangue e o sangue aos berros

entre a raiz e o fruto,
proclamando a unidade
da árvore e da terra,
do anel e da mão,

o êxtase, o absoluto.

141 *O BOM LADRÃO*

Morro sem cuidado,
ao lado do imenso

morro bem, suspenso
como o beijo ao lábio

que falou-me, sábio
do que eu não sabia.
Morro de alegria,
morro bem ao lado

do que foi enfim
julgado, açoitado
e crucificado
por mim.

142 *O SEGREDO*

O Cristo não é
um belo episódio
da história ou da fé:

nem o clavicórdio
nos dedos da luz,
nem o monocórdio

chamado da Cruz.
O crucificado
chamado Jesus

é o encontro marcado
entre a solidão
e o significado

do teu coração:
de um lado teu medo,
teu ódio, teu não;

do outro o segredo
com seu cofre aberto,

onde o teu degredo,

onde o teu deserto,
vão morrer, mas vão
morrer muito perto

da ressurreição.

143 *CANTARÃO OS OSSOS*

O mundo era ótimo ,
o céu era péssimo ,
não valia um décimo,
e eis que de repente...

Avisai o próximo,
convocai a gente
que anda descontente
pelo precipício:

o mundo era o fútil
que ficou difícil
porque o mundo é um vício.
Confessa a verdade,

coração inútil,
coração que matas
por sombras e pratas,
responde, quem há de

tomar este mundo
pelo que ele é?
Quem sonhar de pé
há de ser contado,

quem deitar no fundo,
quem ficar deitado
com a morte ao lado,
vai estremecer.

Quando amanhecer,
quando a luz vier,
ah, se Deus quiser
cantarão os ossos

nesses mundos nossos...

144 *NOLI ME TANGERE*

Não toques no manto,
não toques no ar,
não toques na corda
da lira invisível,
não toques em nada.

Toca a mão do espanto,
a mão tutelar
do assombro, e acorda
para o outro possível,
maravilhada!

145 *O ABISMO*

Tal a pomba de luz que visitou
Maria aquele dia, estando eu
toda abismada diante dela, um vôo
repentino e total me apareceu

no escuro em que eu vivia e converteu
o mundo todo em nada. E agora eu sou
um ritmo, uma asa, o Prometeu
que o rochedo brutal não segurou.

Com as cadeias de luz do acorrentado,
mas com a levitação que as coisas têm

quando um vento as possui de lado a lado,

assim tenho vivido, alguém, ninguém,
que importa, vou no vento e como quem
rela mpeja levito de bom gra do...

II

O batismo de fogo é como o nácar,
porque a pérola nasce da ferida
no abismo da matéria dolorida.
Seu brilho inaugural é como a faca,

cintila quando fere e faz da vida
a labareda solta, que destaca
da lenha bruta e da fumaça opaca.
Se o batismo de fogo mal convida

o que transforma, faz dos paus de lenha
a transfiguração da pura dança,
pura cintilação que a luz desenha

no quadro-negro da desesperança.
Arder para existir: que o fogo venha
apontar para o céu que não se alcança.

III

O Santo Espírito é o prolongamento
do perfeito no efêmero. O Espírito
é pura ventania e, puro vento ,
vem e vai como o eco não de um grito,

de um sopro.... Profusão do pensamento,
puro aperfeiçoamento do infinito.

O ser é um túnel que o perfeito Espírito
vai cavando na luz, como o lamento

do vento vai abrindo uma avenida
invisível na tela do visível:
somos uma passagem subtraída

a Deus, mas que somando-se ao sensível,
multiplicando e dividindo a vida,
vai resultar no Espírito ... É infalível!

IV

Quem baixa sobre mim e traz a música
invasora, os acordes que eu imito
como quem joga dados sobre a túnica
à beira do martírio do infinito?

Quem vira chama e chama o meu espírito
e desfaz minha mão em semifusas,
como um despetalar-se de petúnias?
Quem murmura o que eu penso por escrito?

Que dia é hoje? Um dia feito o gesto
da luz que me sustenta, como a seda
sustém a curva grá cil do vestido ... ?

Pentecostes, a ardente borboleta,
é Deus no a r... Ah, quem me toca a testa
com dedos musicais e comovidos?

146 *EDELWEISS*

E eis que já tarde,
no cimo, a vida,

a realidade
sempre colhida

entre a saudade
e a despedida,
chega com um ar de
coisa caída

nas mãos da gente!
Ei-la que à hora
do sol poente,

a flor do agora,
subitamente
surge, sustém-te ...

147 *SOPRO*

Porque de súbito
adventício,
quem sabe fruto
do precipício,

do absoluto
que desde o início
te pôs de luto

o olhar, indício
de que o invisível
enfim chegou,
um sopro, um vôo

baixando o nível,
roçou-te, audível:
"Vem, aqui estou..."

148 *A NOITE (QUASE) ESCURA*

Nem sempre O sinto e nunca sei ao certo
se desertei-O eu, se abandonou-me
a imensidão que havia atrás de um nome.
Quando Ele andou e andou pelo deserto

devia ser assim. Mas quando some
tudo porque o Espírito anda perto,

o vazio não pesa e aquela fome
de absoluto, do infinito aberto,

sustenta o corpo aéreo. Eu sinto a calma
das coisas que atormentam e alguma vez
vejo-me com horror: o olho da alma

vendo-se com o olhar de Deus, talvez...
É então que entendo São João da Cruz,
quando me sinto assim, quase um fantasma.

II

Não seria que a ausência era um contraste
indispensável a uma aparição
que, desaparecendo sem razão,
acorda o coração que acostumaste

a dormir descuidado em Sua mão?
Necessário talvez que não te baste
consolação alguma, distração
nenhuma, necessário esse desastre ...

Se Ele desaparece como o orvalho,
como o orvalho retorna, como o eco,
e vai sempre direto àquele galho

que mais secou sem Ele. A certos cimos
Ele só baixa quando desistimos,

braços abertos para o tronco seco.

III

O Cristo redescobre-se no escuro,
é como o olhar do gato que te espia,

astuto de saber que não o vias
à luz habitual. .. O Cristo é o puro

espanto de ser visto quando o muro
mais cego te encurrala. As fantasias
que te alvoroçam, soltas pelos dias,
desaparecem e Ele vem: o escuro

tem as modulações que a luz não tem.
É ali naquele túnel, contra um fundo
de desbarate, de esplendor também,

que te encontras com Ele, o olhar fecundo
interrompendo a treva quando o mundo
acode ao interruptor e a luz não vem.

IV

O Cristo é esse cristal que vem morar
no centro das pupilas quando tudo
escurece ao redor. Naquele mudo,
cego espaço que mura o teu olhar,

é que Ele brilha mais, até furar
a escuridão, os muros do absurdo.
Reverberando ali como se um surdo
de repente escutasse o próprio ar,

um rosto inconfundível vem te olhar.

É Ele, o absoluto que te chama
pelo nome, esse nome sem lugar

em ti que não ecoe, como a chama
vai envolvendo tudo e, devagar,
o mar onda por onda se derrama.

V

Se *re-velar* significa pôr
sobre o inacessível mais um véu,
cada revelação, ato de amor,
aproxima e separa o olhar e o céu.

Véu sobre véu, o enigma, o esplendor
a que chamamos *In excelsis Deo,*
é uma ansiedade em nós, um novo, um neo-
nato ato de olhar, sob o fulgor

refigurado, o invisível dado
aos olhos que O não podem e sonham ver.
Ele é um puro infinito limitado

pela aproximação que traz ao ser
Sua revelação, mas com o cuidado
de um véu filtrando o intenso amanhecer.

VI

Aquele solitário, O que carrega
a solidão do ser que desespera
Dele e do coração na noite cega,
punge-Se contemplando-te: uma fera

enjaulando a si mesma, uma quimera
prisioneira de tudo quanto O nega.

Aquela solidão que espera e espera
e sonha recobrar-te numa entrega

embriagadora, sofre porque sente-te
resistir, recusar, sofrer sem ela.
Olha a abóbada imensa, impaciente

de devolver-te a imensidão que tinhas:
não tens dó desse rosto entre as estrelas
curvado , desejando ervas daninhas ... ?

149 *APÓS RELEITURA D''O CASTELO INTERIOR''*

É com efeito uma ferida a queimadura
que no peito da alma deixa uma só centelha,
uma faísca da fogueira azul -vermelha
do amor de Deus ... Essa invasão da criatura

pelo toque fugaz do eterno é uma ardidura
constante desde então no espírito que O espelha.
Mas *borboleta trespassada pela altura,*
ou *dardo prodigioso,* essa linguagem velha

como a alma, ou a sede da alma pelo eterno,
diz bem Santa Teresa, é incapaz de dizer
esse mistério: o refrigério de um prazer

como incêndio contínuo! Como os gelos do inverno,
queima sem consumir e vai virando o ser
pelo avesso, esse fogo que é o oposto do inferno.

150 *LEVEZA*

Eu apenas lhe pedira
perdão por se r como sou...

Que me tomasse na mão,
que rasgasse tira a tira
esta múmia que cansou
de arrastar um coração
agarrado a uma mentira,
a farrapos de ilusão ...
Mais nada. E de supetão

senti-me levantar vôo!
Um sopro me levantou
como uma folha do chão!

Durei seis dias buscando
sentir o solo outra vez!
Usava, com a indecisão
do convalescente, os pés
como dois pardais fiéis
mais à altura do que ao bando,
desabava no colchão
sem senti-lo quase .. E quando
me ajoelhava tentando
voltar à terra, talvez
ancorar-me a ela, não

me aproximava senão
de uma di stância maior ...
Os santos sabem de cor
esses lépidos caminhos,
mas um pobre coração
acostumado aos espinhos
que colecionava, à dor
que cultivava, à ração
dos apetites mesquinhos,
que iria saber da Mão
que sustenta os passarinhos?

Enfim, ao sétimo dia,
minha carne, como o ganso
que descansa da amplidão,
foi-me voltando de manso
e eu senti que percorria
os meus labirintos não,
mas uma sala vazia,
um corredor, a extensão
da capela, da cozinha,

do pátio e, como um descanso,
desci, senti que des cia...

Foi demais essa aventura,
tanto mais inesperada
que eu não tinha nem noção
de que seria escutada,
quanto mais de andar na altura!
Não esperava era nada,
era a mesma criatura
cheia de vacilação
e repleta de amargura,
que ia da cela ao portão
queixando-se, e na calada

da noite às vezes se erguia,
bêbeda de solidão,
revoltada de ser freira,
a que sempre se despia
como uma restauração!
Toda a angústia sobranceira
de uma alma que vivia
de sua íntima fogueira
de repente acabaria
no ar, no susto, na Mão
que jamais a largaria...

Quem diria ... E que dizer?!
Que, se sei que não mereço,
não Lhe pedira senão

uma ajuda, sem saber
que lhe pagaria o preço?
Sei que não voltei, que em vão
piso o chão, que isto é um começo,
como diz Sa nta Ter esa;
o resto vai de encontrão
contra a pobre natureza,

o que vem depois é o pão
do martírio, da incerteza
de um dia sentar-se à mesa
da perfeita comunhão...

151 *A PÉ*

Pobre de Sóror Helena,
não podia se conter,
ao me ver aparecer
branca como uma açucena,

eu que sempre fui morena,
soluçava de prazer!
Ou talvez fosse de pena,
como se eu fosse morrer ...

Como a gatinha Luzia,
a cada vez que me via
fazia aquele escarcéu,

mas nenhuma compreendia
que eu ia a pé para o céu,
leve, leve como um véu...

152 *A FLAUTA*

Escutava o som da flauta
do pastor de cada dia
e suspirava, sorria ...
Já não me fazia falta

sua doce companhia,
mas ouvia aquela malta

de balidos e harmonia
como uma folha mais alta

na brisa que a levaria,
e ria... Era tão exata ,
tão límpida, tão esguia

aquela curva de prata
subindo... Tudo subia,
a luz, a campina, a mata...

153 *REINCIDÊNCIAS*

Necessariamente
agora, como quem
se despe e se sente
mais leve, eu também

mal me reconheço,
sinto-me despida...
Se falhei à vida,
se errei de endereço,

se compliquei tudo
sem necessidade
e fiz da saudade
o meu grito agudo,

agora me espanto
de andar tão calada,

leve como nada,
doce como o manto

da tarde lá fora.
É a minha ária
mais íntima, e embora
seja necessária

como à folha a haste,
é silenciosa,
é como o contraste
entre o aroma e a rosa.

Caem-me uma a uma
pétalas do centro
da alma, e por dentro
já se me perfuma

mesmo o pensamento!
Sinto-me tão leve
que o gesto que escreve
isto, este momento,

parece-me um vôo,
nem isso, um aroma,
o resto da soma
que se me eva pora...

154 *COMMIATO*

A minha louca e incontentada vida
nunca aspirou, por mera lucidez,
a nada mais que à graça imerecida
da última humildade. Cada vez

que alguma inadiável despedida
levou-a ao matadouro como rês

auto-iludida ou não, cada ferida
parecia-me justa e sempre fez

que a minha carne, por irredimida
sempre ansiosa, sempre insocorrida,
mas de repente obediente a Deus,

Lhe aceitasse a sentença: pelos meus
pecados distraídos minha vida
mediu-se, ajoelhou-se e submeteu-se.

II

Eu nunca tive e muito menos tenho
razão agora: tenho um coração
sempre insensato, sempre sem razão.
Não tenho nada, não sou nada e venho

como um mendigo à beira de um portão
estreito, mas aberto; a esmola, pobre
que seja, vale mais que ouro ou cobre,
vale o gesto que espera e estende a mão.

Tenho saudade, ah, isso sim, e tanta!
Uma viva saudade multiforme
de redenção. Santa saudade, santa

esmola que me deste e que um disforme
coração Te agradece: o sonho planta
porque a colheita prometida é enorme!

III

Não chorarei o mundo; não chorei
quando havia por quem e me abraçava

à hora fugitiva! Quando a lava
daquelas erupções que idolatrei

sepultava o que havia, não chorei;
não há de ser agora que a alma escrava
escapou ao feitor que a incontentava
que hei de chorar por ele ... Antes, não sei,

agora me apetece estar mais bem
onde estou, como estou: a sós com o Cristo.
Não me faz falta nada, e se houve alguém

que um dia fez meu corpo imprescindível,
há de ter sido um sonho: eu mal existo
e a vida é o imponderável do invisível.

IV

São horas de pensar que dentro em breve,
dentro de um curto espaço, lá por dentro,
no coração, à esquerda desse centro
da precária criatura que aqui esteve,

o mundo irá parar: faz-se mais leve,
a idade o leva aos poucos para dentro
e tudo vai parando. Quando eu entro
em mais um corredor, a alma o inscreve

no labirinto figurado e eu sei
que em breve, passo a passo, a minha vida
há de cumprir ao menos essa lei...

São horas de pensar na despedida
que hei de fazer, e que talvez farei
tão melhor quanto mais apetecida.

V

A transfiguração tão esperada,
aquela perfeição total que um dia
será minha, há de vir anunciada
talvez pela alvorada da agonia,

talvez pela alegria da chegada.
A surpresa suprema que existia
desde o princípio, a grande convidada
da alma, há de fazer-me companhia

de repente, talvez, mas como um lenço
sobre os olhos fechados para o mundo.
E há de chegar-se a mim naquele imenso

aconchego supremo que há no fundo
de tudo o que se amou e anda suspenso
como o gemido a mais de um moribundo.

VI

E aquele querubim do Extremo Leste,
guardião dos limites do jardim
com sua espada giratória prestes
a cair para sempre sobre mim,

já não tem mais sentido o querubim.
E estas vestes de pele que me destes,
desde que Ele as vestiu também enfim
eu não as necessito mais, as vestes

com que me despedistes, ai de mim!
O Cristo é essa nudez que vem de leste,
é a luz devolvida do jardim

que eu perdera e outra vez me oferecestes.
Eu vou ser outra vez como o jasmim,
vestir-me só de lua entre os ciprestes!

VII

De gafanhotos e de mel silvestre
João se alimentava, mas Teu pão,
Tua palavra, me alimentarão!
Caminharei no céu como pedestre

da eternidade e ali naquele chão
por fim o corpo que me prometeste
será como o Teu corpo, de amplidão
vestido e proclamado pela veste.

E hei de voar atrás do gafanhoto ,
só por voar, e provarei do mel
que não se acaba, que transforma o gosto

e a língua, e como João por Salomé
perderei a cabeça pelo gozo
de ver Quem vejo e estar-Lhe sempre ao pé!

155 *A SUBVERSIVA*

O projeto do telhado
sereno da perfeição
era o meu... Essa ambição
era todo o meu cuidado
quando entreguei ao passado
meu reinozinho malsão
e entrei neste casarão

com um vestidinho emprestado
e de rosário na mão.
Lembro meu rosto alumbrado
pela solene expressão
de quem deixa o namorado
esperando no portão
e vai à missa. Coitado,

não me esperaria em vão
por muito tempo... Malgrado
aquela firme intenção
(que nunca deixei de lado),
a jovem operária não
teve o esforço aproveitado
na cumeeira, o porão
esperava-a, empoeirado;
antes tocava-me o chão
como era mesmo, entulhado
de tombos, de hesitação,
as desordens do pecado.
A andorinha sem telhado,
coitada, faria então
o esforço mal-azado
para subir de encontrão
em tropeço a um delicado
equilíbrio, e sempre em vão.
Até que, a um momento dado,
desistindo com razão
do seu sonho emparedado,
a pobre soltou um brado
inconsolável, e o chão
levantou-a, levitado
pôs-se a fazer-lhe o Verão
que ela havia malogrado!
Que dizer? Que o céu é alado,
vive acima do telhado,
mas desce de supetão
para ficar-nos ao lado
como uma evaporação,
ao inverso, uma inversão
do jogo mal calculado
da alma com a imensidão?
Digo antes disso que o fado
da criatura é a imperfeição
e quem vive seu bailado

ao ritmo do coração
passa um tempo agoniado
nas vasilhas da emoção,
o tempo da operação
de havê-las esvaziado.
Fui descobrir que a ilusão
é como um céu retocado,
um céu de mentira não
porque tem sempre o cuidado
de anexar-se uma porção
de verdades, o sobrado,
a cumeeira, o portão...
Desenhozinho acabado
com amor e precisão,
no meu pus um campo, o gado,
estrelas, e até um balão!
Entrei ali com a intenção
de ir subindo e dar ao chão
um adeus bem-comportado,
mas era tudo invenção,
caretas de malcriado,
caprichos da solidão.
O céu chega sempre dado
como uma esmola ou perdão,
não pode ser alcançado.
Não se alcança a perfeição.
Não se alcança nada, é o chão
que um dia, sem mais razão
que subverter a ilusão
e converter o culpado,

faz as vezes do telhado,
sobe, leva o condenado
como um pássaro na mão,
abre o velho cadeado
e solta o pobre coitado!
A graça é uma subversão.

156 *O XAROPE*

Já disse que tenho medo
das ilusões, *et pour cause:*
iludo-me desde os doze
ou treze anos! Concedo

que as venho escolhendo a dedo,
minhas comédias: a pose,
o estilo justo ... O arremedo
da perfeição foi a dose

em que exagerei, e o coice
que lhe levei foi o golpe
de misericórdia: a tosse

que resultou do xarope
quase me mata! Mas foi-se

como viera, a galope...

157 *COCHICHOS*

Se eu tivesse sabido
o que iria passar,
não teria saído
de mim mesma, em lugar

de atalho tão comprido
saberia encontrar

um circular: marido,
filhos, coisas do lar...

Mas há uma voz no ar
que, se não faz sentido,
diz-nos ao pé do ouvido:
"Mais vale se enganar..."

158 O *INVISÍVEL*

O invisível, que a criatura sente
mas não pode tocar, como uma opala
lânguida a seu redor é *diferente*
apenas como o espaço de uma sala

difere das paredes: ao formá-la,
esse espaço incorpóreo mas presente
cria a noção de *sala*. Finalmente
é sempre o invisível que assinala

lugar de ser à coisa conting ente...
E se o que existe passa pelo opaco
como o trem pelo túnel de repente,

é pela transparência, como o caco
de vidro pelo sol de lado a lado,
que se anima este reino atravessado.

II

E ninguém, nada existe nunca à parte
desse baile de luz que transfigura
e vai criando: a criação é pura
figuração da luz que se reparte

em mil cintilações para criar-te.

Fulguração, fagulha, formosura
faiscante, a função do ser é a arte
da luz atravessando-se à espessura:

ser é espelhar-se contra a noite escura.
Mas se, cheio de treva, te imaginas
trancafiado nela, olha, procura

no fundo das pupilas, nas meninas
dos olhos, e verás como perdura
a mesma luz em ti que há nas salinas.

159 *O INFINITO*

No infinito, no pálido pescoço
da cabeça invisível, as imagens
vagam como confusas tatuagens;
mas solto nesse rápido alvoroço

de formas incompletas, de paragens
indefinidas como um velho esboço
de mão desconhecida, nas miragens
tensas e retorcidas como um torso

arcaico, nos vazios dessa tela
o que não tens aos poucos se mistura
ao pouco que te reste: à luz da vela

que se debate na corrente escura,
misturam-se o que cabe numa cela
e o infinito, esse espaço que procuras.

II

Dizem que vou morrer. Dizem que vou
cessar de ser porque este corpo cessa.

Dizem que a flecha que interrompe o vôo
há de me atravessar, como sem pressa

a asa atravessa o espaço que buscou.
O sonho do infinito é uma promessa,
eu sei, mas cada vez que alguém amou-o,
foi porque na estreiteza da cabeça,

nalgum canto do corpo esse infinito
cabia. E cabe! A profusão da vida
é feita de minúcias, mas um grito

se faz de imensidões e uma ferida
de infinitas renúncias. Tudo é rito.
Tudo é ressurreição imerecida.

160 *A INESPERADA*

Hoje, na minha cela,
esta manhã inteira
a corola amarela
foi-se abrindo... Não cheira
e não tem companheira,
mas é tão mais singela

por ser única. Assim
como a brisa que traz
de longe, do fugaz,
o aroma do jardim,
amarelinha faz
as vezes do jasmim,

da papoula, da rosa,
da hortênsia, da violeta
e da tulipa preta!
É tão harmoniosa,

tão calma, tão discreta,
que é a idéia da coisa

e a coisa juntas; tem
uns ares de raminho
oferecido, e vem
oferecê-lo a um ninho

que tivesse também
esse ar de passarinho

que ela às vezes imita.
Minha flor solitária,
a última visita
de Deus, a Sua ária
de amor à parasita...
Ah, como é necessária!

161 *DEBATES*

Deito-me resignada,
vestida, quieta, pronta
a atravessar o nada,
mas a alma, a alma tonta,

debate-se, não quer,
não aceita o que aceito,
levanta-se do leito,
abandona a mulher

que vai morrer e sai
às soltas pelo quarto,
pelo vazio, um ai,
o ai da dor do parto,

não da morte, diz ela...
Estranha companheira
do corpo de uma freira
que já não se rebela,

que quase já não sente...
Formam um estranho par
um corpo decadente
e a alma que quer durar!

Quem sabe a quais extremos
me há de levar, quem sabe
por onde acabaremos
as duas! A que cabe

num leito, num caixão,
num buraco da terra,
e a outra, a que descerra
os véus de uma visão

que a primeira não vê ...
A morte de uma freira,
sabe-se lá por quê,
quer queira, quer não queira,

é sempre o mesmo drama:
no palco de uma cela
resignação na cama
e delírio à janela

...

162 *A TRUTA*

Já não voltarei a dar-te
nem um olhar, meu Tirol!
Como mais um girassol
cada vez faço mais parte

daquela reviravolta
que sai no encalço do sol,

cada dia ando mais solta,
mais leve que o rouxinol,

como ele vou subindo,
sumindo a cada arrebol,
vou virando o vôo infindo
de um alvíssimo lençol

que anda desaparecendo,
apagando-se do rol
como da trouxa, e tremendo
como uma truta no anzol. ..

163 *A PRECE*

Junto as mãos numa prece
ansiada, não quero
ceder ao desespero,
à hidra que oferece

o que não tem, mas logo
penso um verso e separo
as duas mãos em fogo...
Vejo muito mais claro

quando escrevo e não chego
a conversar com Deus
porque os delírios meus
como o pássaro cego

mal alcançam voar;
os meus arroubos são
obcecados não
com sair do lugar

mas com deixar pegadas
de tinta onde estiverem...

Meus sentidos, se querem
voar com as revoadas,

querem que o vôo seja
com asas de papel.
Deus do alto da igreja
concede-me esse vôo,

recebe-me o tropel,
que por fim já parece
uma espécie de prece,
os dobres do que sou,

imitações de sino,
os últimos badalos,
as asas dos cavalos
no céu como o imagino...

164 *SONOLÊNCIA*

Sinto-me uma pluma.
Já fui um buquê,
mas não sei por que
fui virando espuma,

e aqui, nessa bruma
em que mal se vê,
vão-se-me uma a uma
as pétalas ... Dê

no que der, o Outono
tem como um sabor
de fim, de abandono,

facilita o sono.
Um sono sem cor,
sem peso, sem dono.

165 *À JANELA*

Vai, festa da vida,
amor, sonho, ilusão,
padecimento, ida
e volta... Vai, canção,

e tu, meu coração,
minha velha ferida.
Em toda despedida
há um aceno de mão

e o meu é este rabisco.
É tudo a que me arrisco
debruçada ao balcão

para a última visita,
a última visão:
o adeus da parasita.

166 *A DEUS*

Adeus, poesia.
Adeus, solidão.
Dou-vos uma fria
carícia de mão,

a mão leve, esguia,
hesitante e tão
cheia de emoção,
que é quase harmonia,

quase paz, meu trêmulo,
meu último adeus...
Tocai-os, os meus

dedos, os meus remos
soltos, mas deixemo-los,
demo-los a Deus...

ÍNDICE DE POEMAS E DE PRIMEIROS VERSOS

A vida, como a fumaça, 145
A alma é como a sombra desse corpo, 106
A alma vive à mingua de esplendores, 152
A andorinha, 116
À aniversariante, 110
A cabeça no centro, 179
A carta começada, 86
A cesta de luz, 160
A Deus, 209
A donzela, 20
A estrela-d'alva, 87
A flauta, 192
A fogueira, 81
A fogueira absurda, 16
À imaculada, 22
A incompreensível solidão da Cruz, 101
A inesperada, 204
A inglesa do século catorze, 151
À janela, 209
A ladeira das pedras apressadas, 72
A Lázaro, 23
A lição, 158
A lupa, 61
A Madre Superiora, 57
A mais segura, 45
A minha louca e incontentada vida, 194
A morte num convento, 61
A morte vem, se aninha, 60
A outra, 173
A paz que elude o humano entendimento, 100
A pé, 192
A prece, 207
A que o povo chama, 173
A ratoeira, 40
A sétima dor, 70
A subversiva, 198
A transfiguração tão esperada, 196
A truta, 206
A única, 172
A Verônica, 178
A Via Crucis foi uma selvageria, 15
A vida boa, 138
A vida terá sido uma procura, 101
A vida vai tão depressa, 42
A visitante, 106
Abre tu este armário, 96
Adeus, poesia, 209
Agora o suor, 178
Ah, canta, canta a mal-agradecida, 164
Ah, poder construir nessa esplanada, 155
"Ai de mim", geme a alma, 125
Algo intangível anda pelos cantos, 39
Anfechtung, 53
Ao fio e à medida, 81
Após releitura d'o castelo interior, 189
Aproveito o ensejo, 177
Aquela essa não é! Não é a mesma, 73
Aquele solitário, O que carrega, 188
Ars poetica, 77
As horas de Katharina, 49
As incontáveis sementes, 16
As luas, 72
Às vezes imagino-a, 106
Atravessa, meu pai, aquele umbral, 103
Aux diables, 25

Badulaques, 48
Belém, 170
Blutvergiftung, 80

Cada vez mais esquiva lhes parece, 153
Calmaria, 140
Canção de cada falso, 65
Cantar não deixa marcas no fugaz, 76
Cantarão os ossos, 181
Celebrar este mundo a divinhando, 131
Certas estrofes perdidas, 29
Civitas Dei, 141
Cochichos, 201

Com certeza não, 83
Commiato, 194
Como as coisas, os remorsos, 79
Como os prismas da neve, como o sal, 155
Como um diamante, um quartzo de cristal, 121
Corre, meu coração, não desesperes, 112
Corredores, 26
Correntemente, 111

Crescendo, 162
Cristo Rei, 86
Cuidado! A dor inventada, 46

Da canção, 51
Dança, dança, lagarto, 29
De como se desfez, 60
De gafanhotos e de mel silvestre, 198
De noite, de dia, 69
Debates, 205
Debateu-se, solitária, 116
Deito-me resignada, 205
Deparei-me, no último degrau, 37
Depois do estrago, 107
Deram-me, quando criança, 55
Descendo à raiz, 67
Desmaiei certa vez, 98
Desolado crucifixo, 53
Difícil escutá-la e não segui-la, 128
Difícil o vazio, 154
Diz São Luís Maria de Monfort, 148
Dizem que vou morrer, 203
Do engano da linguagem, 20
Dois olhos mansos, 147
Domingo de ramos, 176
Dommage, 38
Dou-te, por teus quarenta, 110
Dualidades, 166
Durar no alto, arder, andar na altura, 129

E a mais sutil noção do mal espera, 126
E a ratoeirazinha, 46
É ainda tão belo, 85
E aquele querubim do Extremo Leste, 197
E aqui venho de volta e Te agradeço, 111
E assim foi, Madalena, 143
E assim pouco a pouco desfalece, 154
E assim, queimando cartas, 82
E até vai ver que é... , 150
É com efeito uma ferida a queimadura, 189
É Deus que nos sustém, 148
E é assim que os sentidos vão chegando, 122
E eis que já tarde, 184
E era aquele o teu menino, 52
E estes são meus pecados, 93
É mentira que o corpo é inevitável, 105
E ninguém, nada existe nunca à parte, 202
E o peregrino aos poucos arremeda, 124
E súbito ao ombro, 170
E tal um longo afresco pela abóbada, 165
Edelweiss, 184
Em cada vago feixe de alusões, 76
Em face dos rendilhados, 71
Em plena vida, 58
Enquanto a tarde cai, cair com ela, 156
Entdeckung, 141
Entrega tudo aquilo que t e resta, 104
Escutava o som da flauta, 192
Essa proposição, esse algarismo, 156
Essas colheitas, 77
Está bem, está bem, 23
Esta é a nudez da hora, 93
Este é o meu jardineiro, 94
Este é o quarto, 92
Este é o testamento, 97
Este é um post-scriptum, 97
Este é um quarto vazio, 95
Este meu povoado, 96

Este pende vazio, 95
Este... Naturalmente, 94
Estreitezas, 30
Estrela-do-mar, 55
Eu apenas lhe pedira, 189
Eu me debato dentro de um vulcão, 22
Eu nunca tive e muito menos tenho, 195
Existe a realidade e existe o sopro, 105
Extraído a uma carta, 160

Fingidora, como sofres, 45

Gnomos do ar, 99
Gostei de revê-lo, 85

Herodíade, 35
Hoje, na minha cela, 204

In die illa, 112
In extremis, 99
INRI, 179

Já a reclusa Juliana diz, 150
Já disse que tenho medo, 201
Já não voltarei a dar-te, 206
José carpinteiro, 173

Junto as mãos numa prece, 207
La blanchisseuse, 91
Lamentos da descida da cruz, 54
Le revenant, 83
Leveza, 189

M, 23
Madalena, entre nós duas, 50
Madalena, estou de volta, 141
Madalena, Madalena, 30
Maria, a do lenço, 172
Mas a recém-nascida borboleta, 125
Mas enfim habitado e habitante, 127
Mas não te entregues, minha vaga irmã, 51
Mas não tem importância, 15
Mas que venha depressa, sem demora, 115
Mas se o exilado persevera e vence, 124
Mechanceté, 37
Medéia, 24
Mesmo assim, se alcançado, cada andar, 123
Metáforas, 16
Meu auto-de-fé, 75
Minha peregrinação, 32
Miserere, 56
Miserere, miserere, 56
Missa desétimo dia, 62
Morro sem cuidado, 179
Mudei três vezes de cela, 137
Myrian-Maria, 36
Myrian-Maria, a qu em um dia, 36

Nackt Wie Gott Sie Schuf, 112
Não, a morte no convento, 160
Não, falta uma peça, 84
Não, não fui possuída, 31
Não chorarei o mundo, 195
Não é bem que prefira o *amor* de Deus: quem prova, 160
Não é Deus o problema, 166
Não fiquei melhor, fiquei calma, 114
Não fosse em tempo assim de calmaria, 140
Não permitas, Senhor, que a minha carne, 133
saberei, Senhor, se era possível, 132
Não sei mais nem que horas são, 24
Não sei por que o Mestre, 58
Não seria que a ausência era um contraste, 186
Não soube destacar-me, 87
Não toques no manto, 182
Necessariamente, 193
Nem sempre o sinto e nunca sei ao certo, 185
No carmim da tarde, 136, 137
No dorso do burro, 176
No horto, 176
No infinito, no pálido pescoço, 203
Noite (Quase) Escura, 185
Noli me tangere, 50, 182
Noturno, 14

O abismo, 182
O adeus, 13
O alarde triunfal daquelas anarquias, 111
O amador de serpentes, 164
O anjo anunciador, 17
O batismo de fogo é como *o* nácar, 183
O beijo, 52, 177
O bicho-papão, 161
O bom ladrão, 179
O cama feudes feito, 59
O castelo interior, 120
Ó cidade de Deus, Santo Agostinho, 141
O convocado, 175
O Cristo é esse cristal que vem morar, 187
O Cristo não é, 180
O Cristo redescobre-se no escuro, 186
O desmaio, 98
O duo doloroso, 152
O embrulhinho, 22
O espelho, 73
Ó fuga de um rosto, ó rastro, 73
O gavião, 74
O grito, 89
O infinito, 203
O invisível, 202
O invisível, que a criatura sente, 202
O lagarto que viveu, 78
O lagarto, 29
Ó Maria, Ó Maria, 22
O mundo era ótimo, 181
O padrasto, 171
O pátio, 33
O projeto do telhado, 198
O que não foi pai, 171
O rebanho, 175
O relâmpago, 114
O sangue dos mártires, 80
O Santo Espírito é o prolongamento, 183
O segredo, 180
O ser é uma canção *por* Deus cantada, 164
O ser não quer morrer, 130
Ó silêncio, ó silêncio, 23
O sumiço, 173

O último temor, 114
O velho relógio,34
O xarope, 201
Olho três vaga-lumes, 151
Ontem o velho Abade, 25
Os cabides, 92
Os longos vazios, 11
Os rascunhos e a túnica,105
Os remorsos, 79

Outra ainda, 44
Outra prisão, 42
Outro auto-da-fé, 82
Ouve, Maria, a nossa, 17

Para fazer a lista, 51
Passage a Niveau,148
Passando, quem sabe, os dedos, 49
Pavana sem luxúria, 16
Pedro pescador, 174
Pedro, 174
Penélope, 71
Planta, ó cantor, 78
Pobre de Sóror Helena, 192
Pobre forasteira, 68
Por fim os pecados alheios, 91
Porque a alma e eu, 70
Porque de súbito, 185
Porque *é* possível fazer, 47
Porque o amor *não* entende, 14
Porque o olho é a lâmpada do corpo, 152
Porque se fácil fora abandoná-lo, 123
Post-scriptum, 97
Pouco importa o que pensa, 162
Pourquoi pas, 57
Pousava aqui como quem chega, 74
Praça de São Bento, 65

Quanto ao peso da História, *à* Cruz, à dor, 157
Que figura *é* essa, *84*
Que foi, coração, 83
Que lástima que as *poças*, 38
Quem baixa sobre mim e traz a música, 184
Quero a totalidade que incendeia, 114

Rápidos passos, 26
Recluse atte Norwyche,150
Reflexos,107
Reincidências, 193
Romanza, 32
Saint-Louis de Monfort,148
Salgueiros,36
Salgueiros! Os salgueiros, 36
Salomé, 35
São horas de pensar que dentro em breve, 196
São *Luís* de Monfort pousou o dedo, 149
Se a carta começada e abandonada, 87
Se ainda te *il*uminar, 14
Se bem que o ser, seu breve malmequer, 129
Se eu tivesse sabido, 201
Se fosse o corpo, 176
Se *os* cabelos de ofídio da Medusa, 165
Se queres canta, 77
Se *re-velar* significa pôr, 188
Segundo a santa *é* o corpo o habitante, 121
Senhor, as dispersões do dia curto, 86
Sei que não tenho nada, 82
Semelhanças, 82
Septuagesima, *67*
Sete dias já na cova, 62
Silêncios, 23
Sinto-me uma pluma, 208
Só mesmo um quase nada, 115
Só o santo há de chegar ao *céu*, 112
Solilóquios, 15
Somewhere, somehow,47
Sonolência, 208
Sopro, 185
Sóror Bernarda *é* maluca, 40

Tal a pomba de luz que visitou, 182
Talvez,38
Talvez a esta existência, 89
Tenho apenas um maço, 138
Tenho *há* tempos viver como uma fogueira, 75
Tenho medo da emoção, 161
Tenho vários, pequenos amuletos, 48
Tentava muito explicar-Te, 147
Teologias, 78
Teresa e a limpidez da fortaleza, 132
Teresa encarcerada em seu castelo, 131
Teresa fala da metamorfose, 127
Tocaram-me no braço, 34
Todos, *ah*, todos os *dias*, 44
Trazei-me esse *rosto*, 35
Tu és como a freira, 69
Tudo aqui embaixo quer o que ela quis, 128
Tudo *é* leve, tudo *é* escombro, 54
Tudo se acaba, devagar, depressa, 103

Um ar *de madrepérola*, 59
Um dom dado de graça, 100

Vaderetro, 31
Vaga-lumes, 151
Vai, entrega-te a *Deus*, que Ele te quer, 102
Vai, festa da vida, 209
Vai-se o moribundo, 104
Vai, vai, vai sozinha, 68
Valse oubliée, 29
Velhos papéis, 115
Vem quase todo dia, 38
Vem, Lázaro, desce, 175
Venho dar-te a lição, 158
Vi-te montar teu cavalo, 13
Via crucis, 15
Vigiamos o berço, 175
Vinheta final, 104
Visses-me dançar, 35
Vivo entre sombras agora, 33

Wiedergekommen, 111

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA HELVÉTICA EDITORIAL EM GARAMOND LIGHT E IMPRESSA PELA CROMOSETGRÁFICA E EDITORA EM OFF-SET PARA A EDITORA SCHWARCZ EM JULHO DE 1994.